

## VITAL CORRÊA DE ARAÚJO<sup>1</sup> POETA

<sup>1</sup> Escritor, jornalista, auditor do tesouro, bacharel em Direito (advogado), com curso de História e Filosofia (estágio de administração tributária na Alemanha e especialização sindical na Venezuela), professor do curso médio, conferencista, tradutor, especialista em Jorge Luís Borges.

### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

VITAL CORRÊA DE ARAÚJO, filho de Deográcia Cavalcanti de Albuquerque Corrêa de Araújo e Cláudio Corrêa de Araújo, neto do poeta Manuel Florentino Corrêa de Araújo (Juiz de Direito, formado na Faculdade de Direito do Recife – UR, em 1930), que, durante mais de uma década, uma vez por ano, a cada 20 de maio, fazia um soneto elegíaco, em memória dos fastos nefastos, ocorridos a 20 de maio de 1915, quando, do parto do primeiro filho – Cláudio – morreu a esposa – Sinhazinha (avó de Vital) – com apenas 16 anos; a propósito, a romancista, pesquisadora, memorialista e genealogista, psiquiatra e integrante do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Dra. Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque em seu último romance, Luz do Abismo, tem, na trama, o personagem Maneco, em que retrata o poeta Manuel Florentino.

Pai de Cláudio Corrêa de Araújo Neto e Murilo Dantas Corrêa de Araújo (Murilo Gun, que, aos 13 anos, foi convidado ao programa de Jô Soares, como o garoto-prodígio da Internet e bi-campeão do Ibest, além de integrante do júri oficial, atualmente é ator e humorista, introdutor do stand-up comedy, no Norte/Nordeste).

Nasceu em Vertentes-PE. dos 18 aos 50 anos, foi Fiscal de Rendas (Auditor do Tesouro), exercendo cargo de Sub-Secretário da Fazenda, Chefe de Gabinete e Diretor da Receita nos estados do Amazonas e Rio Grande do Norte; foi Diretor e Chefe da Assessoria da Diretoria Geral da Receita, da SEFAZ-PE, durante 10 anos, com curso de especialização na Alemanha por três períodos, desde 1987. Foi Secretário Particular do Governador Lavoisier Maia, que é padrinho, juntamente com a ex-Prefeita do Natal e atual governadora do Rio Grande do Norte – Wilma de Faria –, do seu filho, Murilo Gun.

Ao longo de 10 anos, foi secretário geral da Associação dos Auditores Fiscais de Pernambuco, de que, nas últimas 4 eleições, tem sido designado para Presidente da Junta Eleitoral.

De 1990 a 1995, Secretário-Geral da FENAFISCO (Federação Nacional do Fisco), com sede em Brasília. Presidente (e fundador) da Cooperativa de Atividades Múltiplas – MILLENIUM, de 1998/2001, fundador e Diretor-Secretário do Instituto Brasileiro PRÓCIDADANIA (ONG), desde 1995. Presidente do Conselho de Recursos Fiscais do Estado do Rio Grande do Norte e Auditor Fiscal (jugador em 1ª instância de processos fiscais) no Estado do Amazonas. Instrutor de cursos de atualização fiscal nas Secretarias de Fazenda do AM, RN e PE (Administração Fazendária), bem como Diretor e Professor do Colégio do CNEG, em Santa Cruz do Capibaribe. Conferencista sobre matéria fisco-tributária nos estados de RN e AM, com várias plaquetas publicadas, além de trabalhos em revistas especializadas. Na área penal, atuou em júris populares, como advogado de defesa em

Vertentes e Santa Cruz do Capibaribe e, nesta comarca, como Promotor ad-hoc, durante dois anos.

Obteve 1º lugar nos vestibulares de História, Filosofia e Direito, respectivamente em 1963, 1967 e 1970 e notas 10 em todas as matérias, nos dois primeiros anos, do Curso de Direito. Observe-se que em 1970, verbi gratia, o vestibular de Direito era estruturado em 21 provas (7 matérias), sendo 7 escritas e 14 orais.

Participou dos 3 Congressos Brasileiros de Escritores promovidos pela UBE em Pernambuco: o 1º, de 15 a 17/11/1995, como membro da Comissão Organizadora, e Coordenador Geral dos outros: o II, de 26 a 28/09/2000, e o III, de 25 a 28/03/2002 (no Recife Palace Hotel); do III Congresso, além de Coordenador-Geral, foi relator das atividades, conforme consta do Relatório de Execução, inserto às págs. 31/35, dos Anais, organizados e editados por equipe liderada pelo jornalista Hugo Vaz. Coordenou, também, a participação (curadoria literária) da UBE na 3ª Feira Internacional do Livro, de 20 a 27/10/2001, no Centro de Convenções de Pernambuco.

Integrou a delegação de PE, comandada por Paulo Cavalcanti, ao 2º Congresso Brasileiro de Escritores – São Paulo – 1985 (O 1º foi em 1945).

Foi curador das duas primeiras edições da Fliporto e Presidente da UBE-PE, por três mandatos.

#### ENSAIOS/LIVROS SOBRE O POETA (exemplificativo)

A Perversão Poética: entre a tradição e a invenção, do Prof. Catedrático da UFPE, Sébastien Joachim (apresentado no Plenário do III Congresso Brasileiro dos Escritos, no Recife Palace Hotel – Boa Viagem – Recife, em 27/03/2002). Tempo de Poesia (ensaio de César Leal publicado no 2º volume de Dimensões Temporais na Poesia – César Leal – Imago.

O destino poético de Vital Corrêa de Araújo – Sébastien Joachim. Edições Bagaço / Inst. Maximiano Campos – 2009.

**LIVROS PUBLICADOS:** TÍTULO PROVISÓRIO (Prêmio de Poesia Otoniel Menezes, da Prefeitura Municipal do Natal, o mais importante prêmio literário da época) Edição Fundação José Augusto – 1977; BUROCRACIAL (vários prêmios, inclusive prêmio ESCRITA de poesia – SP) Edições Pirata – 1982; POEMAS COM ENDEREÇO (antologia, com outros três poetas) Presença Poética Nordeste – 1985; GESTA PERNAMBUCANA (Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, Conselho de Cultura da Cidade do Recife, 1985), (Prêmio Nacional, com a maior bolsa financeira do Brasil, integrando a comissão julgadora: Marcus Accioly, Pedro Lyra (UFRJ) e o Editor Cultural do jornal O ESTADO DE SÃO PAULO. Só às paredes confesso – edições BAGAÇO – 2006. Palpo a Quimera e o Tremor. Edições BAGAÇO – 2009.

CORAÇÃO DE AREIA (Prêmio da Academia Pernambucana de Letras) Edições Fundarpe – 1994; GIDE OU O DESEJO, edição particular, fora de comércio 1995; AS FLORES DA URBE (Prêmio Edson Régis – PEN Clube do Brasil – Recife, 1986 – Edição Particular, fora de comércio – 30 exemplares – 1990; A CIMITARRA E O LUME – Edição Particular. Títulos inéditos: LANCE DE BÚZIOS, SOS ESPERANÇA, HAICAIS HETERODOXOS, SIMULACRO, DIATRIBE, FALO, FLAUTA DE PÁSSARO, DIVA ODE AO VINHO (Prêmio BANDEPE/2002 de Poesia, bolsa financeira de R\$ 10.000,00 (livre de impostos).

### **PUBLICADO EM ANTOLOGIAS (exemplificativo)**

- Nova Poesia Brasileira – Org. Olga Savary – Editora Imago – RJ, 1991.
- Antologia Poética Prêmio Scortecci de Poesia. SP. 1982.
- Antologia Poética – Série Imprensa Pernambucana – organizada por Orismar Rodrigues – Editora Comunicarte – AIP. 1994.
- Poesia Viva do Recife (homenagem aos 459 anos do Recife) – Edições CEPE, 1996.
- The Poetry – Org Teresinka Pereira / Boulder – Colorado / USA
- Clube dos 13 – Poemas de Circunstância Volumes I, II e III Edições Pasárgada / FUNDARPE – 1994 (Seleção de 30 poemas de cerca de 300 elaborados em guardanapos em mesas de bares ao longo de 10 anos, com Edgard Powell e outros).
- A Fotografia e seu Poema – Exposição 1989 (Flávio Azevedo).
- A Pintura e a Poesia – Exposição – Ana Montenegro, 1989.
- Coletânea Poesia e Pintura POETAS DA RUA DO IMPERADOR, 1987. Organizada por Vital Corrêa de Araújo (Fundador do Movimento, com Iran Gama e Paulo Bandeira) e outros.
- 46 Poetas, Sempre Org. Almir Castro Barros, por delegação da UBE), Edições Bagaço, 2002 – III Congresso. Recife Palace Hotel.
- Espiral Revista de Literatura, Editor João Dummar Filho, 2002 – Ceará.
- Álbum do Recife (organizado por Jaci Bezerra) – 450 anos de fundação da Cidade do Recife – Prefeitura do Recife (tendo o poema Recife do Povo ilustrado pelo pintor João Câmara) – 1987.
- Poésie du Brésil, organizada pela poeta e tradutora Lourdes Sarmiento, edição bilíngüe da Editora Varicuetos/Chemins Scabreux, Paris – 1997.
- Mormaço e Sargaço (poesia) 1998; Poemas de Sal e Sol (poesia) 1999, organizadas por Benito Araújo.
- Água nos Trópicos – Poetas Contemporâneos, organizada por Lourdes Sarmiento e Beatriz Alcântara, dentro do projeto literatura nos trópicos – Editora Bagaço e Governo do Ceará – 2000.
- Antologia de Poetas Nordestinos – Organizada por Benito Araújo – Edições Micro/2000.
- Fauna e Flora nos Trópicos. Seleta de Poemas. Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmiento (organizadoras) Secretária da Cultura e Desporto do Estado do Ceará (SECULT) Fortaleza – 2002.  
Diário do Natal (RN)  
Suplemento Cultural – Diário Oficial de PE.

### **ACADEMIAS / ASSOCIAÇÕES**

- Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro, tendo como patrono de sua cadeira (por escolha própria) o Poeta Paulo Bandeira da Cruz.
- Associação de Imprensa de Pernambuco (como membro titular).
- PEN Clube do Brasil (Secção de Pernambuco), exercendo atualmente o cargo de Primeiro Secretário.

- UBE-PE, tendo exercido o cargo de Diretor de Imprensa e Diretor-Secretário na gestão de Paulo Cavalcanti, quando reabriu a UBE, em 1984, fechada há mais de 20 anos pela ditadura de 64; o de Tesoureiro, já por sufrágio, na 1ª eleição (25.12.1984), após o ressurgimento da UBE, em que Paulo Cavalcanti foi eleito presidente, e Diretor e Administrador Geral desde 1995, tendo, como presidente, Flávio Chaves. Desde 17.01.2003, é o Presidente da UBE.
- Diretor Administrativo da AIP.

Prêmio com bolsa financeira

Jornal da Cidade de Bauru-SP, 1976.

UBE-GO – Concurso CIAASA Poemas de Amor (1984)

Revista ESCRITA-SP – 1984; Prêmio Otoniel Menezes, da Prefeitura do Natal – 1977; Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, do Conselho Municipal de Cultural, da Prefeitura da Cidade do Recife – 1985; Academia Pernambucana de Letras – 1994 / 2000 / 2007.

PEN CLUBE DO BRASIL – Secção de Pernambuco – Prêmio Édson Régis – 1986 – Prêmio BANDEPE de Poesia 2002 (Valor líquido da bolsa: R\$ 10 mil) entregue em solenidade no Arcádia Apipucos, em 21/03/2002.

## CONFERÊNCIAS

- Conferencista do painel coordenado pelo advogado Urbano Vitalino, em que discorreu sobre o tema POESIA: O Mistério da Palavra, ao lado do poeta Carlos Nejar, no dia 24/10/2001, na 3ª Feira Internacional do Livro.
- Palestra sobre poesia em evento cultural do SINDIFISCO, em Recife (1998).
- Palestra sobre poesia em evento cultural da Secretaria da Fazenda. (1997).
- Explanação sobre poesia para 35 alunos do curso primário do Colégio São Luís (sede da UBE) / 1999.
- Palestra sobre Poesia Moderna, em várias instituições.
- Palestra sobre Poesia Pernambucana, em Dusseldorf (Alemanha) 1987/1999.
- Palestra sobre Poesia Brasileira; em Caracas (Venezuela) na Livraria El Ateneu, (Teatro Colón) em 1996.
- Palestras como Presidente da UBE em eventos diversos, congressos, festivais, como Flig e Fliporto.

## INTEGRANTE DE COMISSÃO JULGADORA DE CONCURSOS

Prêmio CETEPE de Poesia (com Paulo Bandeira da Cruz e Iran Gama).

Prêmio Otoniel Menezes, da Prefeitura Municipal do Natal, 1978.

Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, da Prefeitura da Cidade do Recife – 2002.

(com Marcus Accioly e Alexei Bueno); em 2003 (com Marco Lucchesi), em 2005/2006/2008 Biblioteca Pública de Afogados (2002), com Lucilo Varejão Neto e Heloisa Arcoverde. E em 2004 e 2005.

Prêmio Carlos Pena Filho, do Bar Savoy e Commercio Cultural, com Marco Pólo e Bezerra de Lemos, entregue no lançamento do Livro de Carlos, de Edilberto Coutinho.

Concursos literários da SEFAZ-PE, UBE e Diário da Manhã (do qual foi editor por 3 anos do caderno cultural).

### **ENCICLOPÉDIAS / DICIONÁRIOS / INSTITUIÇÕES**

Integra:

- Enciclopédia de Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza (1ª edição) e Atual edição (Global Editora 2001), revista, ampliada e atualizada por Graça Coutinho e Ria Moutinho.
- Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (Leodegário A. de Azevedo Filho).
- Dicionário Bibliográfico de Poetas Pernambucanos, organizado por Lamartine Morais – Fundarpe, Recife/1993.
- Membro-Correspondente da Revista ELAN (Poétique, Littéraire et Pacifist), editada por Louis Lippens, há 50 anos, sendo o único representante brasileiro desde 1987, ao lado de outros de 71 países.
- Foi correspondente do lendário jornal alternativo Nação Cariri, editado no Ceará, pelo poeta Rosemberg Cariri.
- Foi Primeiro-Secretário (em 2001) do Rotary Santana, (Recife), de que foi fundador.
- Curso de Aperfeiçoamento na Alemanha (Renânia do Norte / Vestfália / Solingen / Dunseldorf sobre Sistema de Arrecadação – Jun/Out, 1987).
- Curso de Aperfeiçoamento (Política e Realidade Sindical Latino-Americana) na UTAL – Universidade dos Trabalhadores da América Latina, da CLAT – Central Latino-Americana de Trabalhadores, no período de 07 a 27 de abril de 1991 (Caracas – Venezuela).
- Curso de Aperfeiçoamento na Alemanha, na Escola Fazendária de Haan / Renânia do Norte / Vestfália, sobre Inteligência Fiscal – 1995.
- Liderou grupo de 30 brasileiros e foi Instrutor em curso de Sindicalismo Moderno, na UTAL / CLAT, San Antonio de los Altos – Venezuela, 1996.
- Liderou grupo de 50 Auditores Fiscais de 16 estados brasileiros, que participaram de curso na Alemanha (Escola Fazendária de Haan, Renânia do Norte-Vestfália), de 20/08 a 15/09/1999.

### **HOMENAGENS / COMENDAS / DIPLOMAS**

ASCDESF – Associação Sócio-Cultural dos Docentes do Ensino Superior da FUNESO.

“Poema esculpido no pedestal da estátua de Augusto dos Anjos, juntamente com poemas de Marcus Accioly e Mauro Mota (o último que ele criou), que está ereta na Praça da República e foi obra de Abelardo da Hora e Luiz Pessoa.

UBE – RJ

UBE – São Paulo

Comenda do Governo do Estado de Pernambuco e do Gabinete Português de Leitura.

## O POETA VITAL

“Vital Corrêa de Araújo é o grande feiticeiro da poesia urbana. O arqueólogo das gavetas. O teólogo dos arquivos. O carimbador das manhãs. O grande místico do caos civilizado. O profeta do Messias de plástico. O biógrafo do abismo suburbano. O pescador do rio de argamassa. Da maré de asfalto. Do peixe de amianto. Dos caranguejos de neon e vidro.

O pastor das engrenagens míticas. O maestro das praias octaédricas e das chuvas pálidas. O retórico do sol de jade. Da lua de polvilho. O escultor da seca. Da eternidade esquálida. Do branco extinto. Do edifício de carne. Da avenida nua. Do pássaro sem fuselagem. Das amebas sânscritas. Dos brasões de fogo. Das bananas de fio e pavio. Da liberdade de alumínio. Da paz posta. Da justiça de óculos. O oráculo da alma exausta. Do universo devastado. Do beco olímpico. Da trilha sonora. Do catecismo de pedra. Do travesseiro de zinco. Cantador dos punhos negazaquis. Da rosa atômica. Da natureza morta. Bebedor de vinho faraônico. Comedor de pães cônicos. Escritor de livro aceso. De poesia seca. Do epitáfio de Deus. Do silêncio vivo”.

Paulo Bandeira da Cruz

## OS CINQUENTA POEMAS

Odisseus Morales

O poeta Vital Corrêa de Araújo publicou, pela editora Galo Branco (nome que homenageia Afonso Frederico Schmidt, título de um de seus livros), o livro “50 Poemas Escolhidos pelo Autor”, dentro de uma série editorial que contempla Mauro Salles, Elisa Lucinda, Antonio Olinto, Carlos Nejar, Lêdo Ivo, , Anderson Braga Horta, Gilberto Mendonça Teles, A. B. Mendes Cadaxa, Afonso Henriques Neto, Cláudia Alencar, entre outros.

Essa importante editora do Rio de Janeiro, sob direção de Waldir Ribeiro do Val – que também edita a revista Poesia, homenageia com essa série a José Simeão Leal, criador dos Cadernos de Cultura, do MEC, na década de 50, que contemplava edições de livros com 50 poemas escolhidos, como o caso de Manuel Bandeira e Carlos Drummond.

A seleção de poemas abrange seis livros publicados (Título Provisório, Gide ou o Desejo, A Cimitarra e o Lume, Burocraçial, Gesta Pernambucana e Coração de Areia), além de dois inéditos (Simulacro e Escuras) e poemas estampados em jornais e revistas.

Poemas, como “Só Às Paredes Confesso”, que o professor Sébastien Joachim qualificou de megapoema, ao lado de outros como “Enterrem Meus Olhos no Amanhecer”, “Rumor a Máscaras e Sub Narcose (que foi objeto de um ensaio-conferência apresentado no III Congresso Brasileiro de Escritores) representam bem o que o autor entende por poesia, ou seja, a utilização da palavra em sua carga máxima de significação, a palavra posta com alta densidade conotativa, na página do espírito leitor.

Conheço bem a poesia de Vital Corrêa e sei que ela se insere num contexto em que a imaginação prevalece sobre a razão, em que o sentido não é o objeto da escrita, mas impera o sintagma inesperado, em que a preocupação estética sobrepuja qualquer lógica ordinária ou meramente gramatical.

A poesia moderna do século 21 despreza regras, normas, acabamentos clássicos, filigranas, retoques, saias justas, manequins, fórmulas e fôrmas. É a poesia em liberdade, no sentido construído por Octavio Paz, sem perder as características de sua plasticidade e carga metafórica de acento pessoal.

Encontro paralelo, *mutatis mutandis*, entre a poesia de VCA e a de Jorge de Lima e Murilo Mendes.

O poeta expressou seu conceito de poesia no poema “O vinho da palavra chama-se metáfora / e sua embriaguês, poesia”. Com base nessa visão metafórica (poética) da realidade, ele escreveu Burocraçial e Dura Habilidade de Herói, dos quais extraio:

“O herói dura  
o tempo da queda  
e ao cair  
erige o abismo”, o que bem reflete  
a imaginação e o espírito desse poeta.

Ou: “Seios são rijos  
deuses redondos  
para o culto  
alpino do lábio  
são canções de carne  
que mordem a boca  
e encantam  
a alma da mão”

Ainda: “Há vagas  
para máquinas.  
Não há vagas  
para homens”.

E: “Escrevo poesia  
porque vou morrer”.

De coletânea ainda inédita:

“És claridade e flor, mãe minha, meu amor.  
Vim de tuas águas, cálidas e límpidas, deste-me a vida.  
Ser me tornaste, de tua seiva vim, sou teu sumo.  
Graças a Deus, Deográcia, sou um dos teus poemas.”  
(trecho do poema DEO GRATIA, dedicado à mãe do poeta VCA, Deográcia Cavalcanti  
de Albuquerque Corrêa de Araújo).

Do poema Fuga do Rosto: “Ao suspiro de Narciso  
se encrespa a água  
e a imagem amada  
de si mesma se estilhaça.”

De mais visitasões, trago à colação outras gemas de palavras.

Do morpoema De Lástima é a Pele dos Pusilânimes:

“A uretra dos monges é tranqüila  
o avanço da úlcera severo

Azuis são as vísceras do enigma  
vítrea a ira dos alcoólatras

Tênue a sina dos insensatos e a pele  
dos pusilânimes de lástima

É de lata a alma do déspota  
de mármore o sono da estátua

Berço da escória incêndio  
ruína do rosto o tempo

O último sopro apaga o mundo  
e tem a espessura de um segundo

O fôlego dos moribundos é fraudulento  
e o gesto do gato de veludo atento.”

E do poema A Realidade e o Sonho, dedicado a Mauro Salles:

“A hipoteca, o protocolo, o cadafalso, a dispnéia  
penhascos cinza ao longe  
perto pórticos de âmbar escarpados.  
E rostos de crianças destroçados.

Corças saltam das bocas dos abutres em riste.  
Além do mar, crinas de cavalos líquidos se divisam.  
Potes de claridade párocos escuros transportam.  
Presbíteros de azeite oram a lamparinas mudas.  
Ante vastos castiçais devotos, ajoelham-se saís solitários  
contritos como relâmpagos, devotados ao abandono.  
Amantes escapolem como peixes escorregadios  
do leito adúltero, fundem-se no êxtase fugitivo  
e deixam rastros de prata nas oblíquas trilhas da alma.”

Obs.: Odisseus Morales mora em Nova Yorque, é ourives  
e poeta. Publicou textos em duas antologias  
editadas por Benito Araújo, em Recife-PE.

## CANÇÃO NOTURNA

Flauta frigia ânimos incita  
à ira, corrobora a guerra lírica  
a alma animal desarma  
ferrenhas virtudes dos guerreiros apura  
o bélico furor atiga contra civis afetos  
(que o possesso Platão ensina)  
e chama decanta no fogo que aterra  
a lídia flauta cavas exéquias  
e lamentações das vítimas modula  
extintas canções dóricas copia  
hinos votivos ilumina  
e a eclesiástica noite incendeia  
enclausurada em pesadelo de candelabros  
na veia das coivaras injetada  
para glória da manhã que denuncia.

## DOIS POEMAS CELESTES

### (ATÉ)

Nas abôbadas demoravam-se estrelas  
e gastrônomos azuis atiçavam  
a fome companheira dos homens  
e os ouros poentes da náusea  
até o ínvio fim de toda a vasta eternidade  
como velha estrada esburacada  
como tecido de esgarçado beibidol  
até que rumor distante das galáxias cessasse  
crescesse a respiração dos buracos-negros  
e os ossos infinitos de Deus falassem  
sementes celestes ouvissem  
os búzios cósmicos do pranto.

### (QUANDO)

Abismos se abriam dos saguões do poente  
e sob a luz octogonal dos pátios de Sevilha  
canções ecoavam como andaluzas abelhas  
escapando das guitarras aquáticas de Lorca  
ou dos enxames de castanholas eloqüentes  
ruínas prosperavam como tumores  
mas os olhos eram visitados  
por colméias de estrelas  
que os favos dos buracos-negros alimentavam  
com os ossos dos cães das galáxias.

## ÓCIO DE CÃES

O que resta aos cães?  
açularmo-nos com presas de cedilha  
acuarmo-nos nádegas de baunilha

Lancetarmo-nos de rimas agudas  
lacerarmo-nos a alma tibia  
com intranscendentais caninos  
aviltarmo-nos com mordidas bem medidas  
a nossos próprios e preciosos fundilhos?

(O que resta à sina  
por nós construídas senão  
ossos e náuseas do homem expor  
junto ao fêmur fraturado do espírito!)

## BAR DA TARDE

a Edgard Powell

É o bar ara e núbil  
altar onde oramos (eu e Edgard)  
à deusa que habita gargalos.

É a tarde centro  
do itinerário que nos guia  
ao ébrio coração da noite

onde a esperança é o último gole.  
E o riso, túmulo da lágrima  
assim que o néctar da taça evole.

Até que o patíbulo da manhã  
arme-se de curvas claridades  
e degole-nos o olhar ardente.

No júbilo da pândega não distinguimos  
essa cigana – a tristeza – que nunca está à mesa.

Poema improvisado num guardanapo  
na mesa do Hemingway's Bar, Recife, Maio/90  
(Brasília Teimosa – 25ª DP)

## O POEMA

Contém-se na forma encontrada  
e contém a que o encontra.

Leva à completa embriaguês verbal.

Não é senão trânsito  
de palavra por nossas veias  
pelos adjetivos de nossas almas  
trâmite das gramáticas do corpo  
em forma de fantasmas  
e figuras encarnadas  
pelos veios do espírito.

Sombra que enardece  
até a incandescência.

## AUDIÇÃO SEDOSA

“Sobre o azul tão claro da noite  
contrasta, como impossível gotejar de uma água,  
o gelado fulgor das estrelas”.

L. Cernuda

Ouvir a seda  
(que ronda a rosa)  
beber a vida no rócio das orquídeas  
gargantas de colibris apalpar  
o ímpeto do canto tocar  
com a volúpia da mão  
lírios apanhar das sesmarias do amanhã  
os limos todos da alma colher  
calar os desatinos bêbados do coração  
os ermos do espírito desvendar  
é o poema.

## DOIS HAICAIS ATUAIS E UM QUARTO

Próceres se vendem  
corruptos sestércios  
repúblicas abalam.

Nome de próceres  
nas entranhas dos pássaros  
assusta Senado.

Do cálamo deste poeta  
raras sublimidades  
e vastas calamidades  
pulam.

## OS ESTÁBULOS DOS DIAS OU OFERTA ESCURA OS EXTREMOS DA VEIA OU VISÃO CEGA

No ímpeto estrépito do tímpano das cores o início  
nos saís do tempo os ossos do passado  
dores arqueológicas traços  
de amores cambrianos antigos  
vestígios do coração das luzes de suas ruínas escavados  
por um deus compassivo ainda habitado do humano  
as cinzas espalhadas na imensidão do inconsumível  
cadáveres amontoando-se como areia em declive  
na tarde aberta a pátios de outubro  
a tristeza de Deus estampada no céu  
no rosto das rosas cansadas  
na pútrida catedral do crepúsculo  
no imo do homem que rasteja  
estábulos em disparada pesadelos  
de mãos dadas com tempestades  
e candelabros de entristecida chama  
fustigando o espírito demolindo a alma  
as decepções e os cotonifícios  
a pétrea ingratidão partindo os fios  
dias obstinados fugas de cavalos  
pelos campos senis de dezembro  
hostes de carmim amargo invadindo  
o ártico lábio das mulheres  
seus paradisiacos corpos devastando  
a sede iconoclasta dos homens  
a ímpia certeza do êxtase a todo custo  
por vândala cinza iluminada  
de cruel abril que se propaga  
pelos féretros sem conta das quartas-feiras  
o império do sal devastado as linhagens interrompidas  
enterros de condes ressuscitados  
e duques vazios inchando  
em castelos sem amparo de solitários  
muros sem a cal da alma cobertos  
pelas mortalhas das perdidas batalhas  
acumuladas nas paisagens do espírito  
a caterva de lixo metropolitano

as estações azuis de teus olhos bêbados  
barcos a que todos os portos se negaram  
capitães de peitos desertos como o pranto de setembro  
trens corroendo a veia anêmica das cidades  
a prosperidade das empresas avícolas em destaque  
em êxtase a apoteose rural dos cogumelos a volúpia  
de intrincadas doçuras abrindo-se no conluio das abelhas  
a colméia dos voos ferroviários em falta  
olhos de cavalos injetados no horizonte átrida  
gesto escuro o poeta oferece ao futuro.

## A SOMBRA DE CARONTE

Ao barqueiro Caronte e alfandegário  
banqueiro de óbolos sublinguais  
moeda sombria que ele extraía  
da boca não mais úmida dos mortos  
como dente, passaporte, pagamento  
da viagem para a outra terrível margem.

Quando passe o trânsito  
e dure a sombra de Caronte  
e todas as pausas se amontoem  
sobre os rins dos hexâmetros

quando a treva dos olhos tornar-se  
crua claridade  
e sobre os torsos do silêncio abandonados  
nas cruces sem trégua dos caminhos  
o grito derramar-se

que a eternidade apressada corra  
das veias do vasto (veio infinito, duro páramo)  
para longe das horas.

Quando seque o esquecimento suas cegas fontes  
e apodere-se de lamúrias o espírito  
o rio das sombras nos lave o lodo escuro

e o rumo incerto escoe  
pelo ralo das certezas dos caminhos  
enquanto vingue o ermo habitado da dor.

Quando a palavra ruminar o texto (alma)  
e o grito da gramática acordar a mão  
sílabas começaram a sonhar com o poema.

Quando o trânsito cesse a poesia chegue  
e as margens tremerem sob o peso das sombras  
a barca de Caronte será a salvação.

## OLHOS ESTRELADOS

O sopro já exilado da criatura, pela gravata que o semelhante lhe aplicara pendurado, balança de nó cego o corpo sem ânimo oscilando, pêndulo crasso, logo desceram o enforcado do patíbulo e sobre o peito de madeira (estrado) da melhor lei do homem, inane, o depuseram, os olhos já mortos, apagados, não tinham ainda perdido o brilho antigo, vital.

Não que um perdido brilho qualquer, traço do lampejo extinto, risco de relâmpago na órbita triste cavalgasse, ainda, mas de lá erguia-se fulgor incomum ofuscando o sol daquele meio-dia brutal e justo.

Depressa, mais que depressa, o carrasco fechou – como num passe, ato quase automático, reflexo servil – os olhos ainda abertos e insistentes do defunto, que insistiam em luzir, como se deles brotassem estrelas.

Tratou o eficientíssimo verdugo, de tanta experiência feito e de feitos extremos acostumado, de fechar, lacrar, vender, parar aquela janela pela qual a alma da luz debruçada teimava saltar.

Fonte de claridade, espelho, belvedere, passagem, presente, o olho, agora passado, gema mórbida, infrutífera, a causar espanto, amedrontamento constrangedor e impróprio exemplo para os enforcados, frutos da lei pública. Por isso, o gesto estanque e certo do servidor atento em baixar a pálpebra já fúnebre, e o olhar morto encerrar em seu próprio domínio, o das sombras, o do confim atro.

No entanto, os espectadores do infausto mas incitante e sedutor espetáculo da lei do homem se fazendo no palco do patíbulo na praça pública erguido, e orgulhoso, os presentes testemunhas da trágica cerimônia que o direito penal impunha, tinham-se apercebido do fulgor imortal – e esquivo ou inapropriado – emerso da fonte morta da luz enforcada... e baixaram (todos e instantâneos) as pálpebras como se cerrassem o pano da treva no teatro da vida, como se temessem insólita tempestade de candelabros sobre seus rostos escuros, face de pez.

Nesse momento cego, o sol rastejou pelo chão da rua como um mendigo iluminado, uma estrela pousou por instantes na calçada e, ao rés do chão, entre os bancos da praça, vicejou um grito de arame, a força deu frutos brancos, floresceu o tablado de tristeza insistente, o tempo moveu-se como um corpo de barro, algo dentro de uma caixa, que uma Pandora desatenta de novo esquecerá, aberta ao mundo.

Como ninguém tinha os olhos abertos, todos recusando, em unísono escuro, ver a verdade, nunca foi possível comprovar-se, registrar na história da comunidade o fato inusitado, miraculoso, infinito, mas na memória do povo aquele feito ficou marcado, de certo modo, e o enforcado fincou-se na lembrança aldeã como o morto de olhos estrelados.

## EM DEFESA DA MINHA POESIA

**Vital Corrêa de Araújo**

Esse pressuposto frívolo e falho (ou fressuposto) de que o poema necessariamente – e por definição ou natureza – tenha um sentido prévio, dado e depois mecanicamente construído e adornado por palavras, quantificável, anterior, apodítico destino da jóia palavrosa, poesia, sob pena do poema não ter sentido, se este não for óbvio e ulular, como escrínio verbalizado incólume. E daí vem o sem-sentido da poesia, que está-sempre-além-e-aquém de todos os falíveis sentidos, de que se impregnem as coisas comuns (e os homens idem, como Joyce previu), cotidianas, transitórias, etc. Poesia de sentido estabelecido é como sociedade sem destino político.

Todo buscam (menos as minhas leitoras íntimas) – preconceituosamente – ao ingerir o poema (mesmo sem mastigá-lo) digeri-lo no facilitário dos sucos ávidos do simplismo, porque ao espírito não convém complexidades, quando o ócio impere sobre o negócio (aleatoriamente). Caso não achem logo, de súbito decúbito espiritual, o sentido fácil, a indigestão é fatal, e o vômito, incoercível.

Essa busca do sentido perdido na arca de palavras, que é o poema, é o que todos fazemos? Ou deveríamos fazer.

Essa busca do sentido (e não seu encontro, sua decifração frágil, desencantamento do espírito leitor) é o sentido da poesia – e não o do poema, que é indiferente ao leitor. Sentido que se desdobra insensatamente pelos labirintos da página (leitor indecifrável do poema, Teseu virtual, com o fio da intuição, adora o Minotauro).

Diferente o sentido da prosa, que é implícito e explícito, sob pena de não sê-la, ou sê-lo poesia.

Sentido linear, as marcas do finito e do perecível no corpo do poema, é ilusão.

A poesia é o caos invisível em cuja essência harmonia há.

Ser invisível é ser inalcançável. É o ser da poesia, tenha forma de poema ou não.

Ler um poema é a largada (no grid da página) de uma busca inencontrável, do perdido e precioso sentido – e se sabe que para o antemão dessa busca não há solução (de continuidade), nem ela cessa (nunca), pois incessar é o seu destino, do leitor que lê e da poesia que é.

O sentido antecipadamente estabelecido é balela. E leva o leitor ao beleleu – e não a pasárgadas.

## A PALAVRA QUE QUER(EM) CALAR

Que é isso, Vital (me indago, de chofre) de indecifrabildade da poesia como amuleto da página, como espírito ou demônio do texto, como condição da náusea que o implícito (ou apenas a sugestão lassa) sempre causa ao cidadão, leitor comum? (É que a poesia exige leitor incomum – como as minhas leitoras infieis – e impõe grave e extensa responsabilidade a quem lê o poema sob égide da compreensão). O poema antes serve para nos compreendermos do que para sermos compreendidos.

A poesia desentranha o fora para moldar o dentro. É como a cópula ou o inocular na veia um veneno (ou na veia do veneno a vida). Visa ao rapto do sono da usura (das palavras) para extrair o pesadelo do tributo devido à página (parceira em ato de potencializar o objeto da poesia, o poema). A mais valia é da imaginação feto e fruto.

Tudo de que fruo do mundo é o de que a poesia se apropria (de sua razão de espírito), mesmo contra o homem, se este – em particular, ainda não deu o salto (dialético) do estágio hominídeo para o sapiens, eticamente alto.

Mateus, delinquente porque desaforava, porque confiscava o excessivo, a demasia, porque podava a desmesura, porque abocanhava a parte do todo (para comunhão do homem); diligente coletor, assustava o mercado (de valores banais e uterinos). Os bursáteis pecados exigiam outro tipo de indulgência. Mateus, em sua exação imperiosa, com sua maleta de injúrias (contra os juros), era antipático e sua função exonerativa perversa. Engendrando, como Lezama rezava, versículos perplexos e indecifráveis, no tecido bíblico inconsútil da alma. Mortais para o ser do ser humano normal (ou médio). Para quem o logro é vital.

O ato crucial de cobrar o que sobra ou excede (ato mateusítico equivalente à criação maiêutica da vida do ser de carne e de palavra) é poesia pura, despotencializando o espírito de seus gravames adiposos, sobras desumanas e sucumbências, porque retira do homem o excesso de aspereza (de sua alma mortal) ou redundâncias da vida, ou os excessos goliásicos, vaidadescos, soberbos acúmulos contra si mesmo.

Mas porque a poesia é (seria) algo tão implícito (sentidos hermeticamente trancafiados em escrínio de palavras), insisto!?

É que a poesia é anticausal (vem do acaso da alma e não de causa material, logicamente estabelecida, externa); é uma causa que não gera efeito (ou sucessos preestabelecidos); não cria mecânica no espírito, não interrelaciona A com B prévios.

Sejo onde não semeio (isto é, apuro o que não cumpro ter) e colho onde (e o que) não espargi (isto é, o fruto poema não tem messe certa ou azul safra exata). E acolho o que não previ. O poema é tão intenso que se cumpre em si, sem a trama ou o trauma humanos – e falhos.

Mesmo se quando todos os elos da causalidade (mecânica ou não) forem devidamente rompidos, pela força inata da ciência da intuição, em ato dissolvidos, desaparecerem, o poema fica, é, engendra sua gravidade própria, sua órbita épica

estabelece, norteia o percurso lírico, como ser independente de palavra (até mesmo do poeta). Essa grave gravitação advém do potencial de imaginação que a alma do poeta comorte e atualize.

Que é isso, Vital, de indizibilidade da poesia como superstição da página, coisificação da palavra ou sua reificação, identificando palavra e coisa?

Isso é o mistério da poesia. Na frase (prosa) a palavra se gasta (o prosaico é corrosivo) e pode ser substituída por outra; no poema (ou linha), a palavra nunca se gasta nem se exaure, antes, adquire mais valor, valia super, torna-se mais palavra do que no dicionário, na lição excelsa de Cassiano Ricardo.

E essa resistência- e sobrevida da palavra poética – é tão alta que absorve as tenazes tmeses de Cummings, as magníficas interpolações de Pound, as supervirtudes reais de Breton, os objetivos correlatos de Eliot, as maquinações imagéticas de Joyce, e assim supera dialeticamente as aventuras e vicissitudes da poesia. Desautomitiza o espírito.

Mas, por que a predominância, na poética do século 20, do hermetismo, ou o que torna a poesia indizível?

## O DOM DE PAULO DANTAS

Vital Corrêa de Araújo

Choques políticos têm percorrido a veia brasileira, criando trombos, infartando a democracia, com figuras folclóricas, como Jânio Quadros, João Goulart, Collor, Itamar Franco, Sarney, guindados ao posto de presidente da república, legitimamente vírgula, deixando atrás de si um rastro duvidoso, um sabor inautêntico e viciado de que as coisas não deveriam ser assim.

Todos chegaram (ou saíram do poder) por acidente, corrupção, desastre, ineleição, renúncia, deposição legal, ou seja, fortuitamente, e não por escolha direta, sincera, autêntica e livre do povo. FHC e Lula foram os únicos eleitos sem vício, e bem que corresponderem.

Outro acidente vascular político no cérebro da nação brasileira foi a infusão de sucessivos e grotescos líderes, marcialmente entogados, fila generalizada de intrujões patetas bonecos movidos pelos cordões da geopolítica vigente; títeres engalanados, com hirsutes medalhas ladeando o peito estufado de vão orgulho pela missão antipatriótica que lhes foi imposta, ordenada e consentida pelos leões do pentágono; verdadeiros fantoches tecidos pela conjunção infeliz da guerra fria e impulsos de independência neocolonialista que produziu o ambiente e a estratégia geopolítica fertilizadora do Golpe de 64.

Foi aberta a caixa de Pandora de atos autoritários e violentos (física e moralmente) que infelicitou a Democracia e o Direito brasileiros.

Toda esse débacle institucional desabou sobre o coração e a mente do povo, avalanche que durou 20 anos, e que nos deixou politicamente eunucos.

A chusma de generais elevados à condição de presidentes excepcionais atuou como parte de uma engrenagem de destruir pátrias (futuras), sufocar gerações, obstar a formação de jovens e renovados quadros políticos, isolar ou anular líderes (ou sua expectativa), exilá-los ou pasteurizá-los. Tudo isso devidamente chancelado por nossos “políticos” “inorgânicos”, ao longo de crassos vinte anos.

Hoje, nossos quadros políticos são da pior espécie, a exceção de uns poucos onde se incluem vários pernambucanos, e, pior, não têm a mínima consciência disso. A maioria é composta de pessoas que conviveram “democraticamente” com o Golpe, serviram a um estado não-de-direito, ou seus descendentes, todos preocupados com os próprios e caros umbigos engravatados. Vejam a série de escândalos incessantes que infeccionam o parlamento brasileiro nesses últimos 10 anos. Os deputados e senadores não se consideram mandatários do povo, por força da procuração do voto, mas vacas sagradas acima da lei e da ética.

Atingimos o limite da desfaçatez. A representação política é falha e viciada. Como não houve nenhum gesto ou movimento para estancar o sangramento de nossas instituições vitais como Senado e Câmaras (que são reflexos de partidos pútridos e artificiais criados sem base popular legítima e sem objetivos e programas sustentáveis), o Judiciário assume esse papel (vício político), cassando governadores, após 2 anos do exercício do mandato, como ocorreu na Paraíba, no Maranhão e em Tocantins. Num ato legítimo de complementariedade ou substituição do Parlamento (que o aceita, sem ao mínimo resmungar).

É esse cinismo que faz o Senado convalidar os “atos – espúrios – secretos”, com outro ato secreto, conforme o jornal A folha de São Paulo denunciou. Quem sabe, numa atitude homeopática, de que o semelhante cura o semelhante. Num desprezo explícito ao eleitor. E mais ainda a nossa inteligência.

E os eleitores apenas assistimos a esse deplorável espetáculo de cinismo e truculência política. O eleitor não cobra porque não dispõe de dispositivos para isso. Os mecanismos de controle da qualidade do Parlamento não existem.

O meu filho mais novo, Murilo Gun, ator, escritor, pesquisador e comediante, está escrevendo um livro sobre o estado do político brasileiro, também com viés satírico, e propõe de dois em dois anos uma eleição às avessas para eliminar o mandato dos mais votados, que usaram indevidamente essa concessão do povo.

Nada é mais exemplar e sintomático dessa baixa política do que a recente rebelião do baixo clero, deputados oportunistas que usam o mandato em pura e completa causa própria, que simplesmente elegeram um corrupto, para a Presidência da Câmara, 2º substituto do Presidente da República. Com o Vice enfermo, o fulano poderia ter sido presidente.

Está em lide a questão da delegação política.

Os mandatários políticos povo (deputado, vereadores, senadores, prefeitos, presidentes, governadores) são, conforme a fórmula de Marx, “produtos da cabeça do homem que aparecem como que dotados de vida própria”. Eles atuam de modo a parecer que não devem senão a si mesmos (autonomamente) a existência que lhes foi dada pelo povo, pelo voto.

E muitos de nós, muitas vezes, adoramos essa criatura pelo mal que nos fazem, pela soberba, superioridade, desfaçatez e hipocrisia, com que agem, às nossas barbas molhadas. Idolatramos e nos dispensamos de criticá-los. (O que não é o caso do autor de Sátiras Políticas (porque rir faz bem à saúde).

Há um amplo espectro da exposição diária dos males políticos, reflexo das mazelas e desavergonhada ação ou omissão dos nossos (ossos) parlamentares, que se dispersa e passa despercebido.

Mas não para a pena, atenta a impiedosa, de um escritor observador e detentor de alto espírito satírico puro, próprio do brasileiro, desde Camonge e Gregório de Matos, além de Vieira.

Rir de nossos “hábeis” políticos é necessário (e faz bem) para assim estocar, ridicularizar, prodigalizar o risível de que esses políticos politicalhados são merecedores natos, pela canalhice explícita e pública com que nos brindam, não mais impunemente. Por causa de Paulo Dantas, já completando outra coletânea satírica.

Impressionam o nível, a amplitude, a profundidade e o vigor da “leitura” de Paulo Dantas sobre o “Folclore” em que se tornou a política brasileira, com a “qualidade” do político brasileiro hoje.

Os mecanismos da representação política na democracia são expostos em suas fraturas.

Paulo trata com elevado espírito satírico o assunto mais sério de um povo, que é a delegação política, a escolha/eleição (e por que não deseleição) de seus mandatários políticos.

O vazio do constrangimento moral (que o político maior Roberto Magalhães reconheceu, e o fará desistir da política formal), a indiferença ante a súcia de escândalos, a tragédia diária de Brasília, a crise quase permanente banalizada, a corrupção considerada um aspecto “chato” do negócio político, tudo isso, que representa a consciência cínica do político brasileiro dos últimos 40 anos, Paula Dantas Saldanha capta, com minudência e espírito em riste, destrincha, analisa e denuncia satiricamente, expõe a público, com a pinça do sarcasta bem afiada.

## **QUEM É PAULO DANTAS SALDANHA?**

Autor de uma plêiade de títulos publicados, compondo uma obra de subido valor sociológico, político, filosófico, jurídico e literário.

Advogado, atuou com sucesso absoluto na área de Direito da Família, ganhou assim independência financeira e se dedica a escrever.

Com mais de 10 título publicados, dirigente da UBE de Pernambuco, Paulo (devidamente assessorado por Sílvia Carmem Saldanha) é um escritor literário, isto é, escreve bem, certo e certamente com o apoio e a substância de quem detém os segredos da prosa artística. Também é um pesquisador. Compila apotegmas de sua própria lavra e verbetes sobre Direito Familiar, e publica livros sobre o assunto. Tem várias coletâneas de crônicas para rir, chorar e pensar. E agora envereda pela sátira política, com força e astúcia.

Submerso em seu ofício de ver e dizer o que assistiu de modo satírico para que a verdade se desnude, Paulo Dantas me confidenciou que o gatilho foi entender que pátria não é um termo geográfico ou literário, mas sim a imagem e a realidade dos que vivem ao nosso lado numa terra chamada Brasil.

Parabéns, Paulo Dantas, pela obra literária singular que realiza, pelo dom que detém e nos transmite, através dos livros que publica, pela autenticidade com que se situa no meio literário, honrando-o, multiplicando fecundamente sua concepção do mundo, assim tornando-o menos duro, mais habitável.

## NOVO CÂNTICO PARA SULAMITA

Meu corpo com teu gozo unges  
a teu seio desejo tanges.  
Suave é a noite de teus unguentos  
derramados no meu rosto como luas  
coadas dos teus olhos inocentes...

Suaves feridas abres  
em meu peito quando foges  
para longe de meus braços.  
De bálsamo é a tua volta  
ao leito de meus lábios...

Pernoitemos sob os cedros indecisos  
madruguemos pela vinhas feiticeiras  
peregrinos dos meandros e das ladeiras.  
Que a volúpia seja nossa única  
e inseparável companheira...

## ESTAMPIDO CUPIDO

Que mimoso lume aformoseia  
róseo bico do auspicioso seio?

Que doida manhã povoa  
de azul fugaz os olhos de doce lascívia?

Que ave impudica passeia  
nos arredores florestais do púbis?

Que súbita mão sábia afaga faminta vulva  
e o ávido rosto acaricia com eretas papoulas?

Que lésbios lábios douram  
de saliva secreta pele?

Que sede de néctares bebe  
no cálice trêmulo das coxas?

Que estampa de pedra  
doído gesto de volúpia levanta?

Que lúbrico relâmpago golpeia  
apocalíptico umbigo?

Que seta abre no ventre  
carnívora ferida

ou a mordida da traíra?  
(como perora Ariano).

Para que a turba de filósofos assalte  
mansões e advérbios  
e todas as saliências das nuances  
planícies cadavéricas arrase  
derrube bastiões de mercúrio  
em pó almas prosaicas transforme  
dizima com hunos de símiles verbos mundanos  
assole ímpios paços e torvas vitórias  
a cinzas reluzentes reduza.

Para que sucumbam as farmácias da ilusão  
para que heréticas urnas gritem  
vomitem seus votos, esvaziam o escrutínio do futuro  
para que a respiração da poesia cesse  
e extingam dos herméticos caminhos sais secretos  
incognoscíveis rumos, atalhos surdos, alicerces podres triunfem  
e o rosto apodítico da verdade exibam ao mundo  
junto à bacia dos salmos extremos.

Para que se transfigurem os adeptos da palavra  
os que receberam o dom da sede verbal, os que singram  
mares do espírito vençam distúrbios e agruras  
com o aríete dos símiles ameias da alma rompam  
e ao mundo exponham o túnel do cisne, o vaso das rosas  
o tabernáculo do verbo real abram à vida  
o vertebrado amor à obra declarem  
das clavículas de Hermes anunciado  
o grito das alamedas prateando  
o convulso mistério das horas  
a verdade dos cálices do relâmpago transbordando  
para os antros civis das almas  
para a surda câmara  
dos corações solitários  
(das misses e dos cães).

eis o cortejo oloroso  
de cinzas de rosas  
no páramo deixando  
rastros de aromas  
pira de perfumes  
rendas de narinas  
olores de ouro e prata  
nos ermos intrincados da alma  
nas furiosas veredas das horas

eis as cinzas dos sonhos  
que a vida ferina  
em coivaras tornou  
corroendo a última  
rua do mundo  
o íntimo do confim expondo  
para a coroa espúria do fim  
para o leito da morte de mármore  
os olhos estilhaçados apontados  
a escuridão recortada em marfim.

Que buscas peregrino da aurora  
cavalgando ginete de estrelas  
por estradas que a luz avassala  
e a árida coivara sempre devora  
quando o rastro da hora coagula  
o gesto náufrago da avenida nua?

Busco o rosto  
que Narciso toldou com seu orgulho  
e espelhos para mirar-te  
antes de partir  
para mansão noturna e arredia.

Há gotas de rócio  
jóias suspensas dum escrínio azul  
(pepitas do parnaso natural)  
há lágrimas de magnólias  
que esgrimam com rosas, com espinhos digladiam  
caindo do ramallete dos olhos  
do jardim do rosto despencando.

Troque o ócio pelo verso  
a rima pelo vício  
e cure com poesia  
a enfermidade do tédio.

Drágeas da imaginação prefira  
aos barbitúricos da vida  
longe da cocaína da inveja  
e do ópio da lisonja  
alongue seus dias.

Não há melhor antidepressivo  
nada ultrapassa o remédio  
de um soneto de Waldemar Lopes ou Camões  
dedilhado ao longo de uma tarde de larga poesia  
acantonada num copo de uísque,  
sob a batuta do desejo vespertino.

## POEMA DE VIDA E MORTE

Do intacto urdume da hora  
vem a trama, o novelo  
que entranha a vida  
a flauta do sopro vital afina  
e vem a bacia, o odre branco  
para recolher o último alento  
(ou o que restou  
das façanhas do id).

## SOBRE AS HORAS

Sobre horas debruçaram-se hostes  
do espaço estacionadas  
nos ombros de Atlas  
fontes das mãos de Zeus esparzindo  
estrelas  
semeando galáxias  
dos roçados celestes.

## SOM DE BRONZE

Sino de repente, pêndulo nu e crédulo  
a balada, o revérbero  
som que salta e volta da alma  
silêncio se partindo  
em pedaços de preces de bronze  
a estátua das horas andando  
pelo cone dos estrondos ogivais  
sombra das estrelas projetando  
côncava luz sobre olhos árdus dos homens  
a adaga da igreja lampejando  
dos tímpanos fiéis  
no espírito aldeão dos dias retinindo  
e pássaros voando para o gerúndio.

## OUVIDO DE BÚZIO

É ofício dos búzios ouvir  
mares e suas lamúrias.

## TERCEIRO POEMA

Da folha da página  
a árvore do poema se desdobra  
em ramos de som, raízes  
de errantes rimas  
copas de metáforas  
à sombra da sintaxe  
que se amiúda  
sob o sal da imaginação  
que siderurgia a flor  
e Rosa Férrea ergue ao mundo frágil do homem.

## TERCEIRO POEMA

Da folha da página nasce  
a árvore do poema.

Atado aos demônios úmidos cativo  
das bestas dos delírios vastos alço-me  
aos píncaros de pórfito onde pássaros debulham canções de milho  
latino-americano e puro.  
Dilemas e redomas enfrento, persigo maiz, naufrágios e aromas ultrapasso  
amidos e edemas me assediam o rosto entendido tigre.

Vivo amor sem treva ou tortura.  
Em mim lavra safra de murmúrios, grassam ternuras espessas, épuras íntimas  
tâmaras erram, nascem temores, ataçam-me as cores lentas dos rumores  
desejo tardes de safira, feitiço de esferas ilude-me as pupilas.

Amanhece. As louças do cansaço quebram-se.  
Rompem-se os véus da volúpia, cessa o encanto quando finda  
o amor e começa  
o tempo das cóleras eqüiláteras que cega antúrios, rasga gaivotas  
envenena orquídeas.  
Eis que ingressa no recinto do corpo a hora facínora  
que fere de penúria o jardim e rosna como naípe de infâmias.

É o demo da libido que assoma a meu  
rosto infinito e morto, último refúgio da lascívia.

Limbos de amianto vândalo  
hiatos de desenganos, gerúndios, hotéis gelados, como os desejos urbanos.  
O ventre de duro abutre, ferros edificados, raízes de gusa errante. Quando  
cessará a ditadura do neon, quando  
o anúncio de seu fim luminoso? Quando  
cessará o câncer  
da indiferença metropolitana?  
Quando o abutre da solidão nos desabitará?  
Quando a morte dos out-doors da ira, dos duelos fraticidas, dos escândalos políticos?  
Quando clips hórridos e sífilis voluptuosa  
deixarão de ser a bíblia  
embriagada das metrópoles habitadas de cansaço e luxúria?  
Quando a notícia que grassa dirá  
da entranha do pássaro  
do esgar fidalgo, da ruína intemporal, da morte do barro vão?

Enquanto a vida vã segue  
 seu périplo fecundo e exangue  
 a esperança se fina, embrutecida e maculada.  
 Alimenta-nos a lauto espetáculo das vitrines. Alumia-nos  
 o breu súbito que habita robôs e pentágonos, a escurecida úlcera dos cotonifícios.

Ó trêmula caligrafia de sombras  
 parvo e torpe itinerário de informe contorno, ó estranho tornado de aromas  
 ó caligem que acampa na face das auroras industriais  
 ó câncer fundo da pressa e cúbica lepra da usura  
 ó fecunda náusea, ó logro puro e sedento, ó estanho humano  
 ó insanos negócios antihumanos, intumescidos de astúcia mercurial, imobiliária  
 ensinai a nosso tempo morrer sem garbo, em veludos caros corroídos por gusanos  
 por vermes pagos e ávidos, cercado de orações contábeis, âncoras agrárias, debêntures  
 ensinai que a vida não é digna dos incautos e mortal aos contemplativos  
 de todos os credos e de todas as praças, esperanças ou cemitérios.

Na manhã que desponta eis a moça que passa  
 com seu cesto de náusea amordaçando nascentes  
 na manhã revelada eis a moça que cessa  
 seu encanto noturno e estridente desejo  
 espreitando a noite perdida dos homens com seios estrelados, sais sensuais.

Eis a moça que passa ao largo do sonho  
 como navio bêbado  
 faz delirar avenidas com seu andar trêmulo ou carnívoro  
 a espetar pássaros com olhos de topázios vazios.

Quando ela passa me habita de silêncio.  
 Refugio-me nos punhais acesos da solidão.  
 A manhã segue seu curso claro, como cavalo  
 límpido ou bravo  
 indiferente à tristeza das faces, aos galopes da ilusão, desatenta às indiferenças  
 que corroem a velha alma do século.

Um lobo gris suja a noite malva  
 benévola é sua garra  
 esculpida em urros nos capitéis da náusea.

Por que louvar  
 a morte de crianças – e o mundo miserável  
 com falso lirismo e ode inútil  
 ao duodeno destinada? Fale!

## **BANDO DE MÔNADAS (versos neomodernos)**

A Leibnitz, a Borges e a Demócrito

“O ímpeto de possuir-te docemente amanheceu desnudo!  
G. Seferis

O mistério da poesia não suporta  
chusma de pinças teóricas, obsessivas  
escavando supostos sentidos  
pinçando bolsões denotativos  
nem fórceps hermenêuticos  
e aborta.

V. C. de Araújo

“Um verso nunca é um poema, diz Eliot, em ensaio famoso. A  
não ser que seja “on-verse-poem”

Cassiano Ricardo

## INEXPLICAÇÃO AO LEITOR

Vital Corrêa de Araújo

Comecei a costurar essas palavras prolegomênicas no banho. Enquanto me ensaboava, a mente (limpa) desandou pensamentos (impublicáveis, porque nus), e sinapses ou insaites e reflexões relâmpagas atravessavam o fluxo dos chuviscos.

Completei-as quando usava no raro cabelo o novo shampu que promete longevidade a cada fio em particular. (Como os possuo poucos, o produto invencível, mesmo sendo caro, per cápita sai bem em conta). E enquanto alisava as madeixas carinhosamente pensando em Pope – com esfregões macios – já findava quase esse cru proêmio. Surpresa foi não esquecer o texto vindo à luz do banheiro para meu caderno mental.

### TÍTULO

Pensei em Frases da Lua, Monósticos de Carbono (por ser a maioria das peças de um só verso ou linha ou como disse Eliot: o verse põem), mas optei por Bando de Mônadas, não sei por quê.

### NÓMINA DESSAS NOTAS

Ao conjunto, nomino Inexplicação ao Leitor, e dedico à Hipócrita Leitora, de minha parca ou pobre obra.

Porque são notas implícitas de um fazedor de poemas, que visam atordoar, ou melhor, clarear a treva textual, abrir caminhos sem rumo à selva significante, em que possíveis (mas improváveis) leitores se arrisquem tentar imiscuir-se ou inutilmente explorar.

### RAZÃO DO POEMA

Escrevi esses poemas extremos porque vi o extremo numa viagem a bordo do abismo para o confim de mim mesmo. Fui além da alma, depois do corpo, quando os comecei. Não evitei os tiques estilísticos próprios de minha lavra poética nem a mania de montar sintagmas oximóricos, insensatos (para os sentidos comuns), esdrúxulos, não recomendáveis, para quem escreve em benefício do leitor, o que não é meu caso, absolutamente.

Se o poeta entrega de mão beijada, numa bandeja dourada, o tal sentido do poema (tão ou mais procurado do que um malfeitor do velho oeste ianque), tão esperado que desespera o leitor, quando este não lhe é dado, de imediato, na primeira linha ou golpe de leitura; caso seja assim, assado não é, e poesia não o é também. O poema não deve ser uma resposta, uma lição, mas um questionamento, uma interrogação.

Escrevo poemas para o desconforto extremo de quem casualmente me leia. Se fosse uma reforma de um prédio, a placa séria seria: desculpe o transtorno da leitura, estamos trabalhando para seu desconforto total do seu entendimento.

## VITAL QUER DERRUBAR O SIGNIFICADO

O professor Sébastien Joachim, no livro *O Destino Poético de Vital Corrêa de Araujo* – Editores Bagaço / Instituto Maximiano Campos – 2009 – disse bem dito que o meu objetivo poético é derrubar o significado. Magister dixit.

### IDE À FONTE

Seria o meu coração de areia (título de uma coleção de poemas já publicada – FUNDARPE)?  
Nunca se sabe o que há no coração, do que ele é capaz (ou incapaz). Então, por que confiar nele?

Os impulsos do coração são frágeis e insinceros. Fortes, conseqüentes, verdadeiros são os impulsos do desejo, como bem o mestre Jomard já provou.

E os usei bem. Esses poemas são frutos do desejo, e da pena ou da pele (e não da alma).

O equilíbrio está muito além da palavra que o quite (ou sagra).

O fio do êxito fácil cortei, parca velha e sábia.

No espaço débil e das janelas vertiginosas do sonho me despenhei, atirando-me aos intrincados hospícios azuis das palavras, precipitando em mim os precipícios de sintagmas vertiginosos e devoradores como o Desejo.

Para satisfazer os mais turvos desses desejos fui até o poema.

E esse Bando de Mônadas solto ao mundo.

A Gerardo Mello Mourão  
que os carvalhos proféticos de Dodona  
apontaram como o verdadeiro  
gênio da raça brasileira  
poeta impoluto, vasto cantor do mundo

Aos primos, irmãos da escritura,  
Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque  
e Roberto Cavalcanti de Albuquerque  
a tia Maria do Carmo Santana Cavalcanti de Albuquerque  
e Deográcia Corrêa de Araujo Cavalcanti de Albuquerque (mãe)  
in memoriam

Aos poetas Castro Pinto, Hildeberto Barbosa Filho,  
Dorian Gray Caldas, Diógenes Cunha Lima  
Jonard Muniz de Brito, Rogério Generoso  
Waldemar e Luiz Carlos Guimarães, in memoriam

Aos eméritos poetas Francisco Bandeira de Melo e Dirceu Rabelo  
Aos acadêmicos e mestres  
Antonio Carlos Sechin (o poeta de mais) e Marcus Vinícios Vilaça.

## SETE VERDADES

O poema não precede a quem o produz

1. ou apreende.

O bom poema sugere sua própria

2. e completa indecifração.

O intérprete deve estar dentro do poema

3. (o belvedere do significante mira o significado).

Poema nenhum acoita

4. sentido prévio, determinado, quantificável.

Um poema não é como água potável

5. mas esgoto, certeza de limo, verdade de lodo.

O poema é apenas lance do destino

e não algo construído

dado do acaso

da tábua de palavras lançado

6. que nenhum azar abole.

(Sua função não é pranto de coração

nem turbilhão incontido de emoção rimada

7. com empetaladas palavras já esperadas).

## TÁBUA DE DEDICAÇÕES

A minha hipócrita leitora

“Cada palavra é uma obra poética”.

Jorge Luís Borges

“Volto sempre  
para aqui não fui feliz  
nem tive da morte  
a segunda dádiva  
do esquecimento  
da o coração como  
se morto não estivesse

se sonda me vêem  
e não falo  
é porque o passado  
não se desvanece  
no passamento”

Alberto Lins Caldas (WYK)

“A juventude não precisa de ilusões”

A Camus

“Está tarde durou uma açucena”

Carlos Moreira

## POEMA À LEITORA

Iludida irás à sombra  
leito áspero onde  
rosas te esporam  
e crucificas espinhos.

Deixa apenas o poema  
debruçar-se sobre ti.  
Não forces o sentido  
insensata. A fórceps  
não me saboreais.  
Sou apenas palavras  
em ordem secreta  
costuradas por fios  
de tenras metáforas  
sigilosamente arranjados  
e como mônadas  
espelhadas na página  
de teu rosto sem máscaras.

Eu não sei onde quando  
que rotos sonos  
aos erros te levaram.

Moendas do tempo  
rodas e mãos ágeis  
te conduziram  
até onde o ouro acaba  
até quando a hora amara  
chegar. De decifrar-me.

Queres ficar onde  
tuas dores contam.

**A DIZER**  
**(elegia irregelada)**

A João Marques, poeta, romancista  
e jornalista de Garanhuns

A torcer o pescoço da eloquência  
vivem os neopoetas

A neomodernidade poética é uma planta  
não regada, de cultivo  
injurioso, de fruto inoperante  
e futuro proibido.

A ninguém interessa  
a metáfora retórica  
intranscendente  
impecaminosa.

V.C.A

## MONÓSTICOS DE CARBONO (ON-VERSE-POEM)

“Em poesia, trata-se  
antes de mais nada  
de fazer música (de palavras)  
com a própria dor  
a qual diretamente nada importa”.

P. Valéry

“Ninguém ignora que a poesia  
é uma solidão espantosa  
uma maldição de nascença  
uma doença da alma”.

J. Cocteau

“O grande mérito da poesia  
é que ela diz mais do que a prosa  
com muito menos palavras”.

Voltaire

## A TONA DA VERDADE

“Pense nas dores disfarçadas sob falíveis véus  
encobertas por palavras prenes de ilusão  
pense nos aficcionados a rios tortuosos  
nos passeios dos suicidas  
onde vamos sem prazer  
a remar contra marés de muralhas  
na garganta da água buscar refrigério  
a ver o barco ébrio afundar”.

P. Eluard

“Tinha nos ombros  
uma sombra de silêncio  
um vulto de rosa  
que espelho de pétalas  
multiplicava”

P. Eluard

## SAL DA LUZ

“O corpo é a única pátria do poeta”

Eugénio de Andrade

“O poema é um mundo  
enterrado num homem”

V.C.A

“O poeta não deve crer nos anjos  
mas nas palavras que os criaram”.

“Os poetas são os legisladores do mundo  
ainda não reconhecidos”.

Shelley

“Somos governados por palavras  
leis são guardadas em palavras  
e a literatura é o único meio  
de manter as palavras vivas”.

E. Pound

“Tudo o que não proceda  
de uma convicção  
é pecado”.

São Paulo.

## SÊMEN E FUGA

“Descrever um objeto (tema do poeta)  
é suprimir três quartos da fruição do poema  
que é feita da felicidade de pouco a pouco  
penetrar no mistério da palavra”.

Mallarmé

“E é suficiente para o poeta  
ser a consciência culpada do seu tempo”

Saint-John Perse (do discurso do Prêmio Nobel)

“Antes de rever o moinho  
ouvi as águas da ribeira  
primeiro passando sob a ponte  
depois entregando-se à roda da azenha  
que as tecia em rendas”.

Maria de Lourdes Hortas.

## **DADO ACASO**

Ao quinto elemento da natureza: a mulher  
oitava maravilha  
oitavo pecado  
fêmea do infinito  
e a Parmênides, o louco da razão

## QUINTETO DE ALEXANDRIA

“Minha mulher Xantipa me conhece  
mas que não me conheço nem ninguém  
Atenas dos sofistas e de Péricles  
que sofista sou eu? (sois vós também  
discípulo de lágrimas Platão?)  
Ó taça de cicuta, ó mão que vem  
fechar a luz terrestre dos meus olhos  
e abrir o-que-não-morre para o além”

Marcus Accioly (poema Sócrates, de Sísifo)

“O poeta é o grande luminoso  
o grande tenebroso  
a loura primavera  
o elege para esposo  
ele se deita com todas  
as rosas da vida.  
As flores dão-lhe beijos  
para que ele lhes dê rimas”.

Leopoldo Lugones

## NOVE POEMAS DE FIM DE TARDE

“O universo agoniza! Enrubescido  
o céu se amplia sob a luz da aurora  
e pesa sobre o tempo dissolvido  
o sono leve em que me sonho agora.  
E no silêncio a forma das origens  
rompe a flor que me prende à solidão  
e tomba a luz das altitudes virgens  
por entre os raios mortos na amplidão.”

César Leal

“A visão do canavial e do seu trágico destino  
que ata, encarcera, às vezes mata  
na beleza das suas flechas, pendões, bandeiras  
como se as canas fossem imensos espinhos  
crucificando o trabalho de uma vida inteira”.

Antônio Campos

E segue  
aquele muro incerto  
de verões e pedra  
onde só as almas sabem  
se devem ou não cercar  
o pomar das sombras.”

Déborah Brennand

## DÉCIMO POEMA

“Um racha na xícara de chá abre  
uma alameda para a terra dos mortos”.

W.H. Auden

“O verdadeiro poeta é aquele  
que encontra a idéia  
enquanto lavra o verso”

Alain

“Eu, sobre a torre, a delicada estrela  
onde o hálito de Deus em luz perdura.  
Se me é dada entre as mãos gemas tão puras”  
de “Um soneto de Olinda”, de Afonso Félix de Souza

“Uma rosa  
não era uma rosa.  
Batom extraviado  
de Gertrude Stein  
nos desjardins dos lábios?  
Antonio Mariano, poeta paraibano

## CÂNTICO DO SILÊNCIO

(11 poemas)

“Poucos poetas como Eugénio de Andrade renegou o discursivo de modo tão dramático”, afirma Vergílio Ferreira e completa: “A poesia é hoje antidiscursiva, como o é toda arte, hoje, desde o “o poema cala-se ou pelo menos pende para o silêncio”, de Brémond, até as “vozes do silêncio”, de Malraux

Vergílio Ferreira

A arte apenas faz versos.

Só o coração é poeta.

A. Chénier

“A sepultura é uma cova  
em que não cabe o coração

Anônimo

**IN VINO INVERITAS**

## CARPE DIEM

(Edamus, bibamos, gaudeamus)

Meu coração,  
sino que ninguém escuta,  
espera,  
marcando o compasso da luta.  
Que venham  
flores ou tormentas,  
não desespera:  
cada coisa chega em seu tempo  
dura apenas o seu momento.  
Antônio Campos

Ninguém pode compreender o que é misterioso.  
Ninguém é capaz de ver o que ocultam as aparências.  
As nossas moradas são provisórias, exceto a última: a terra.  
Beba muito vinho, amiga. Basta de palavras supérfluas.  
Omar Khayyam

Colhes cada breve momento  
não confies em um átimo de futuro  
o trânsito é permanente  
gozemos o fugaz enquanto jovens (sãos sem cãs)  
logo depois tudo é náusea (ou pó).

Viva somente num eterno agora e sempre apenas  
prenda o tempo presente.

Carpe o dia logo  
a noite te será companhia.

V. C. A.

Que havemos de esperar, Marília bela,  
que vão passando os dias fluorescentes?  
As glórias que vêm tarde  
já vêm frias.

Tomás Antonio Gonzaga

Viva e não espere pelo dia que venha  
colha hoje a rosa que seja.  
Aproveite-a sem pena  
V. C. A.

## DIA, LÍRIO QUE PASSA

Aproveite as rosas, amiga  
e ébria do breve e profundo perfume  
esqueça infidelidades

Cada dia é um lírio, colha-o  
com pressa fervorosa  
que a noite é papoula rápida

Fugaz orquídea a aurora  
que dos olhos alça  
vôo para o nada

Com asas áureas  
horas correm  
mais que a carne

As flores de março  
abril já chora  
o gozo logo é náusea

E a vida ave  
pedra se torna  
pó e palha

E sendo tão alta  
logo se curva  
à cova rasa.

## AMIGA, É URGENTE O AMOR

Já é tarde, menina  
o vinho ainda dorme na adega  
doído sono do meio-dia

Solitários cálices  
e desejos amordaçados incendeiam  
tardes e vinhas

Alastram-se infrutíferos  
inimigos dos sentidos  
o temor de amar  
o tédio de viver

A fugacidade da vida  
impele-nos ao amor urgente  
antes que as horas cancelem  
os desejos para sempre

(Vem, puella mea  
acalentar quimeras  
e ilusões trocá-las todas  
por sensações momentâneas  
sonhos eternos por volúpias passageiras!)

## TÍTULOS FINAIS

Um feixe de trevas  
é toda minha força.  
Trigo do negrume,  
que mais fazer de mim?  
Que outro pão  
senão este suor.

Fernando Mendes Vianna

“Ele esteve aqui  
pisou nas pedras palestinas  
e descansou à sombra das tamareiras  
que ladeiam os caminhos de Samaria”.

(Mauro Salles (princípio do poema Jesus))

O título final é a morte quem dá.

E depois, José?

V. C. A.

## TEMPO DE POESIA (Fragmentos)

César Leal

“**Burocracial**, de Vital Corrêa de Araújo é, sem dúvida, um dos melhores livros de poemas publicados no Brasil nos últimos anos. Lançado pelas Edições Pirata, com capa e programação visual de Iran Gama, estes poemas revelam um autor na plena posse da técnica e processos de composição altamente representativo da melhor poesia de nosso tempo”.

“Há na poesia de Vital Corrêa de Araújo algo que vai além do expresso no corpo sonoro da linguagem. Sente-se que há em seus poemas uma lucidez intelectual somente percebida pelos iniciados no material simbólico que se oculta no interior das palavras. É esse material que assegura ao verso o resplendor musical”.

“Na poesia de Vital Corrêa de Araújo a rima é extremamente rara, mas os poemas são ricos em seus efeitos sonoros, uma sonoridade eficaz por estar diretamente relacionada aos signos lingüísticos portadores das cargas semânticas. A orquestração de seus poemas deve-se antes ao hábil domínio que ele possui sobre os “elementos inerentes” dos sons e à inteligente associação que faz dos elementos inerentes com os “elementos relacionais”. É assim que ele consegue retirar do elemento sonoro uma forte carga de significados, como se pode observar em quase todas as passagens como estas do poema “Mesa posta ao Apocalipse”:

**“reguem-se, gargalhem  
esqueçam-se das úlceras  
empunhem os cálices  
gorjeiem, levitem  
lavem suas almas  
nas espumas da champagne  
inacabável  
afastem o enfarte  
dos juro e das injúrias  
cultivem o ócio  
com luxúria e dignidade  
e sôfregos bebam a paz**

**na água calma do pote  
longe das tempestades”.**

“Mas a poesia de Vital Corrêa de Araújo não se limita a uma afirmação, no mero plano das palavras, de seu domínio técnico. Ele ataca a linguagem por dentro, realizando uma forma de desconstrução que representa, como tem observado o crítico canadense Sébastien Joachim, uma autêntica revolução”.

“Vital Corrêa de Araújo é um desses poetas destinados a tornar-se um dos grandes da poesia em Língua Portuguesa”.

(do livro Dimensões Temporais na Poesia da Editora Imago)

## A POESIA DE VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

Hildeberto Barbosa Filho

“A poesia moderna brasileira tem, como força recorrente, o resgate da identidade cultural. Daí, revestindo muitas vezes a perspectiva crítica em face da realidade e o permanente direito à pesquisa estética, o conteúdo regional, o traço folclórico e os aspectos locais. Tudo seguindo à risca as exigências dos postulados estéticos do ideário modernista. A palavra poética de Oswald de Andrade, de Menotti del Pichia, de Ascenso Ferreira, de Jorge de Lima e de Cassiano Ricardo, dentre outros, serve para ratificar nossas afirmações. No entanto, se o trabalho artístico se projeta em função dos materiais telúricos e do historicamente descartado elemento nacional, não se obstrui a passagem do fluxo lírico de raízes metafísicas e de tendências universalizantes; não se renega a poesia marcada pela preocupação social e pela tônica política; não se intimida a experiência, fortemente contemporânea, dos labores metalingüísticos. As presenças gigantescas de Carlos Drummond de Andrade, como nascente desse rio, e de João Cabral de Melo Neto, como estuário perene e margens férteis, consolidam definitivamente o discurso poético da modernidade no espaço da literatura brasileira. Com eles se forja uma tradição que as vanguardas, embora não a esposando de todo, reconhecem na prática-aprendizagem de suas primeiras lições; a tradição que se erige numa segura consciência da linguagem traduzida numa poética do ser, do dizer e do fazer, em síntese estética. Entre o lírico, o épico e o metalingüístico. Também o culto da palavra e a obsessiva procura do seu despojamento; o respeito ao verso no seu alongado entre o mágico e o mítico e a irrigação continuada do veio imagético consumada na exploração do terreno metafórico e metonímico. Desta estirpe, sem precedentes na história de nossa lírica, advém a experiência singularmente original e marcada de silêncio e solidão do poeta pernambucano, Vital Corrêa de Araújo”.

“Em BUROCRACIAL deparamos com os eixos fundamentais da poesia moderna e contemporânea. De um lado, o explícito enfoque crítico dos universos referenciais, quer das miudezas cotidianas, quer dos recônditos insondáveis da vivência humana; de um outro, o corte vertical no trato da visão filosófica em perfeito cotejo com a prospecção nos meandros da linguagem poética. E, tonalizando as cores do social, do metafísico e do metalingüístico, rápidas cintilâncias líricas e os salpicos incontidos da mais fina e velada ironia. A primeira parte, com título homônimo ao da obra, resgata, não somente as aparências burocráticas da vida-funcionária codificada em padrões expressivos e em clichês teminológicos despidos de qualquer significação verdadeiramente humana, mas, sobretudo, a monstruosa reificação das relações entre os homens. Numa linguagem extremamente contida, econômica, bem talhada, o poeta compõe, verso a verso, o enorme embrião das mínimas agonias: “penetro / com olhar perito / as partes

íntimas / do corpo petitório / vou ao sexo do pleito / ainda impúbere / disseco / com olhar apunhalado / as vísceras da petição / analiso / a anatomia dos fundamentos / os alicerces do requerido / e as fraturas / das razões expostas...”. E, neste diapasão, temos, confeccionada, a mais pungente radiografia da rotina burocrática”.

“No poema “Os seios”, a primeira estrofe confirma: “Ciumes de carne sem metáforas / rijos deuses redondos / para o culto alpino das mãos / pouso da ave dos lábios / seres binários de pele ágil / para a sede tátil dos dedos / para a fome decimal dos desejos”. Em “Morracidade”, (a terceira parte), a problematização poética da solidão metropolitana vai desvelando cada vez mais a consciência social do artista. Esta atinge o auge em “Pederna”, através de raro equilíbrio entre senso de forma e escolha de substância. A crítica social é densa, mas não atinge o nível rasteiro do discurso panfletário. Finalmente, “A cimitarra e o lume”, (última parte), onde o poeta, sem descuidar dos motivos anteriores, mais organiza a sua ideologia do verso e do poema. Aqui, inteiramente centrado nos limites da modernidade, garimpa a palavra em suas múltiplas possibilidades semânticas e estéticas. Perquire sobre o sentido do verso, a significação da poesia, e projeta a palavra poética entre a fantasia da sensibilidade e o suor das armaduras técnicas: “um poema em água e areia/ talhado à mão e ao sonho seco / pelo esteta de fomes e sedes/ (do barreiro veio o barro/ da mão, a imaginação / e o seco sopro agreste/ sagra e cresta a vida/ bonecada antes de ser plantada/ colhida antes de ser espiga)”.

“A poesia de Vital Corrêa de Araújo não só se destaca no território pernambucano. Pelo toque de inventividade que revela e pelo zeloso apuro formal, fura fronteiras. Merece lugar de razoável proeminência no cenário da lírica brasileira”.

Fragmento do texto crítico publicado no jornal O Norte, da Paraíba.

## JORNAL DE LETRAS, de Maria Luiza C. Condé (Fragmento)

“Finalmente, neste reencontro com Pernambuco artístico-literário, fiquei conhecendo “Os Poetas da Rua do Imperador”, grupo de artistas constituído, sobretudo, de poetas, e que se propõe a estimular o trabalho de escritores e artistas da nossa Confederação do Equador. Vale falar nesse grupo de idealistas, quase todos trabalhando na Rua do Imperador, no Recife. Vale falar neles pela chama que carregam, pela vontade atroz que alimentam na sua vocação e na compreensão de seu papel, de sua consciência e do mundo, refletindo-o ou procurando refleti-lo na obra que estão construindo. O saber, o conhecer e o dizer a verdade do mundo em que vivem são a musa inspiradora desses artistas. Tomara que prossigam em seu movimento para podermos comemorar sua fortuna como o fazemos agora com o Movimento Armorial”.

“A célula inicial dos “Poetas da Rua do Imperador” é formada por Paulo Bandeira da Cruz – o guru do grupo, papel que Suassuna desempenhou no Movimento Armorial – **Vital Corrêa de Araújo** (sobre quem já falei neste espaço), Iran Gama, Alberto Lins Caldas, Ligia Celeste (pintora), Mário Hélio e Sílvio Roberto de Oliveira (geólogo e poeta, premiado em 1982, pela Academia Pernambucana de Letras), além do maior deles, Marcus Accioly”.

“Paulo Bandeira da Cruz, homem de intensa vida cultural, é jurista, jornalista conhecido no Recife com diversos livros publicados. Sabe muito bem poetar e dizer a poesia daquele mundo de lá. Alberto Lins Caldas tem 23 anos, livros publicados e premiados, além de marcante vida jornalística-literária nos jornais do Recife. Iran Gama, recifense da safra de 1943. Todos me foram “apresentados” por **Vital Corrêa de Araújo**”.

## UM POETA DEFINITIVO

Paulo Bandeira da Cruz

Vital Corrêa de Araújo é um funcionário que escreve a poesia pública. A sua temática é o dia-a-dia: a gaivota, o arquivo, a máquina administrativa, outras engrenagens e, sobretudo, o morto-vivo da floresta urbana: “eu batizo as engrenagens / analiso os pesadelos de Freud./ No intervalo, entre as tenazes dos séculos/ trituro sorvetes de amianto / e poluo os lençóis freáticos. / Aponto meu dedo de vanádio/ para os olhos dos átomos./ Eu, incôncio, cremo o currículo, desnudo o abismo”/.

A composição poética é enxuta, é seca.

A palavra usada no premiado “TÍTULO PROVISÓRIO” é a necessária da música e a essencial do grito. Nada sobra e nada falta dentro do contexto. O poeta consegue esparramar as suas idéias por cima de versos como se fossem ondas, “uma água esbatendo o cais / salpicando-me as mãos que te desejam e sangram/ em luz e madrugada”.

Contudo, a frase é agônica, áspera, azeda, amarga, cáustica e o desejo, para o poeta, “é Ter mãos ou sonhos?/ o desejo és tu ou este desespero de poema”? Desesperado, lembra, em alguns momentos, a poesia de Augusto dos Anjos. Apenas lembra, pois, as benéficas influências que recebe são de outras origens: Frederico Garcia Lorca, Fernando Pessoa, Ezra Pound: “a verdadeira pedra não medrou./ Esta é uma pedra; que a planície não concebe/ que a mão não mede./ Esta pedra apedreja a mão que a planta/ mas não dilacera os punhos/.

A influência de Ezra Vital carrega dentro do bolso esquerdo do seu paletó de terra. Por isso, a sua poesia é sintética, é concisa, é crua, é inevitável: “é preciso superar/ não só o espaço onde sou-presos/ mas o tempo do eu-fixos./ Preciso ir e assim vou andando/ indo, lavrando/ a ir e voar, a semear o vôo de ir/ a semeir”/.

A poesia de Vital Corrêa de Araújo, “milênias rosas atonais, presas ao punho/ como algemas encarnadas, lendas tarântulas” / é, por vezes, apunhalante, feito a lâmina de que é constituída; por vezes moída, feito a carne de que é cozida, levada ao fogo fátuo da verdade, ao forno da vida: “sou especialista em metalúrgica alemã/ com pós-graduação nos altos fornos judaicos/ e conjugo o verbo em tempo de gusa / e louco sofro o choque/ da humanidade típica”/.

Mas a poesia de Vital Corrêa de Araújo também é feita deste maravilhoso pão: “jamais te dedicaram um simples verso/ a voracidade é maior do que o lirismo/ devoram-te e não te veneram/ mas, doravante, pão, tereis poema/ penetrarei com

pinças de Virgílio a tua cereal entranha/ irei, além da tostada forma/ do conteúdo/ alto-protéico/ viajarei além do vulgar nível alimentar/ ultrapassando as fronteiras da padaria/ não vale a filosofia do padeiro/ nem a metafísica do merceiro/ a sociologia de tua massa é tão sublime/ quanto a das multidões/ irei, além, pão, do nível comum/ do entendimento ávido/ dos a quem te doas heróico, desprendido/ suicida, alimentar/ e tocarei a última substância do trigo/ o germe ínsito/ a própria consciência cereal/ a paônica essência”/.

De outras vezes, o poeta pula de alfa para ômega e, pelos labirintos da sua parábola, com “dedos líquidos, sincrônicos cinzéis, mãos modelando a imaginação em barro”, constrói a sua cantiga em água e areia, “talhada à mão e a sonho seco”, dando, na cidade, um violento e sonoro soco na cara: “apalpo teus cabelos químicos, floridos de espera/ e espermo luz em teu sexo de neon/eu abranjo tua vagina urbana com minhas mãos rudes e sequiosas/ e bebo a estrutura de teus seios bissemânticos/ eu sou o sêmen deposto na avenida/ no ventre ambíguo das ruas, no dorso dos becos nus”/.

“Quando a gente não consegue mais ler a poesia de Vital Corrêa de Araújo é porque, infelizmente, o seu livro já terminou. Aí, as páginas não se incendiam, o abismo não se ilumina, e só nos resta “peixe na garganta dos homens calados/ chama dentro dos olhos apagados”/.

Sim, porque, se Vital Corrêa de Araújo não inaugurou, é hoje a voz mais autêntica da nova poesia alicerçada no organizado caos urbano”.

“Para finalizar, só não concordo mesmo é com o “TÍTULO PROVISÓRIO”, pois a poesia de Vital Corrêa de Araújo é definitiva e o poeta veio para ficar e grampear o seu nome na listagem da melhor poesia brasileira contemporânea: com o ferro da voz e o arame dos dedos.”

Fragmento de artigo publicado no Jornal do Commercio.

## VIVA VITAL!

**Maria Luiza C. Condé**

“Recebi um exemplar de BUROCRACIAL, livro de poemas de Vital Corrêa de Araújo, pernambucano de Vertentes, bacharel em Direito e funcionário público, por necessidade de garantir o pão-de-cada-dia.

O Brasil é tão grande, vivo há tanto tempo metida na minha funcionarice pública que, confesso, não conhecia Vital. Não o conhecia e, sem dúvida, não conheço Pernambuco literário de hoje. Foi, pois, um prazer retomar contato com o novo mundo das letras do Recife através do poeta de Vertentes. Prazer duplo: por Vital e sua poesia e por voltar a conviver com a literatura pernambucana, e tomar conhecimento da geração surgida após a morte de José Condé. Sim, porque a casa de José Condé, em vida do escritor, se constituía verdadeiro consulado de Pernambuco, consulado que recebia, acolhia e amava os jovens. José Condé os estimulava e neles se projetava e projetava o futuro. Eu tinha oportunidade de conhecer todos e de acompanhar suas trajetórias no árduo caminho da ascensão. Agora, o contato com Vital deu-me a retomada com o Recife e, como Vital, “deduzo”, “aquilato”, “penetro”, “disseco” e “navego” o Recife poético dos anos 80. E note-se que o escritor não é estreante. Seu primeiro livro, editado pela Fundação José Augusto, do Rio Grande do Norte, publicado em 1978, TÍTULO PROVISÓRIO, obteve o prêmio de poesia Otoniel Menezes, da Prefeitura da cidade de Natal. “Vital recebeu outros prêmios em concursos literários.

Tenho uma grande confissão a fazer. De saída, impliquei com o título, Burocracial. Achei-o um tanto cacofônico. Mas, à medida que ia lendo, sentia o impacto da poesia de Vital e, tomando emprestado a Emily Dickson um critério, por ela utilizado para afirmar se estava ou não diante de um poema, senti que estava, pois, ao terminar a leitura da maioria dos poemas do livro de Vital, “sentia como se o topo da minha cabeça estivesse sendo arrancado”. Estou diante de um poeta e Vital escreve poemas.

“É ingenuidade pensar que o verso livre não está gerido por convenções. O verso de livre não tem nada, ainda que a divisa estrófica errática e a rima esporádica levem a tal suposição. Se, por um lado, o verso livre rompe com padrões métricos, por outro, apresenta uma compensação rítmica, através das repetições de frases e formas sintáticas, anáforas, aliterações e assonâncias. Muitos entendem a expressão “verso livre” em seu sentido literal e, ao exercerem inadvertidamente essa “liberdade”, cometem atrocidades poéticas, de modo que há, hoje em dia, grande quantidade de verso livre da pior qualidade”.

“Mikel Dufrenne, em seu livro “O Poético” (Editora Globo, 1969, tradução de Luiz Arthur Nunes e Reasylyvia Kroeff de Souza), comentando a necessidade dos poetas se submeterem a regras, “a menos que se entreguem sem reservas à escrita automática”, transcreve a seguinte observação de T.S. Eliot: “Somente um mau poeta poderia aclamar o verso livre como uma libertação em relação à forma. O verso livre foi uma revolta contra uma forma morta, e uma preparação para uma nova forma ou uma renovação antiga; insistiu-se sobre a unidade interior que é peculiar a cada poema; contra a unidade exterior que é apenas tópica”.

A propósito do domínio da forma, Álvaro Lins escreveu que a poesia não é privilégio de ninguém, pois “ela se acha em toda a parte e no interior dos homens”. “O que é privilégio do poeta”, disse Álvaro Lins, “é a obra poética realizada, esteticamente construída. E não se deve esquecer que a obra poética representa uma obra de arte, exigindo, nesse caráter, um instrumento de expressão, uma forma literária, portanto. Não havendo forma, não existe, pois, uma obra poética, não existe um poema. Pode existir apenas a poesia, mas sem a capacidade de se exprimir, sem a capacidade de se comunicar. E comunicar-se representa uma missão da poesia, representa uma missão do poeta”. (Álvaro Lins, “O Relógio e o Quadrante”, Editora Civilização Brasileira, 1964).

É justamente essa exigência, essa atenção com a forma que se percebem na poesia de Vital: “perder, o cargo da vida, as cangas, as cruces, as alegrias, perder os trabalhos e os dias... versos de Morrer ou “contorso o fogo fala, ri clama, esguio grassa, discursa ágil, na exata, dicção da brasa, eloqüente se espalha, cresce se alastra, solta secas serpentes longas chamas (Cidadão Incêndio).”

Guardem este nome: Vital Corrêa de Araújo. Pernambucano de quatro costados, funcionário público por garantir, poeta por fé, de ofício e por saber dizer a poesia que está no mundo, no sol, na dor, na rotina, na alegria, nos pássaros, nele próprio. Viva Vital!

(Jornal de Letras – Rio/RJ)

## O OFÍCIO DA FACA

**Alberto Lins Caldas**

Ao concluirmos este livro de Vital Corrêa de Araújo, nos perguntamos se as palavras de um tempo mudo podem explodir com tamanho vigor e esmiuçamento do cotidiano como ele o faz. A resposta está em cada poema, a pedir uma degustação com avidez de menino, a nos chutar a comodidade dos versos fáceis das idéias chulas. Sua matéria prima é o cotidiano, que ele esmaga como se fosse uma massa de bolo até torná-la poesia. O sentido coerente das idéias é retorcido, dissecado pelo olhar anatomista, perito em extrair um sangue renovado das pedras e sons daquilo que antes vivia no vácuo, mas também nunca o vemos, ao tratar do comum, do simples, ser apenas refletor de coisas, recriador de formas. Sua poesia não recria apenas o mundo, ela realmente é o verbo inicial, vive, mesmo sendo o mundo-memória, como fundamento, uma existência à parte, raiz da coisa vista e da palavra. Sua poesia faz nascer uma nova concretude.

O burocrata e a burocracia, retratados por ele nos primeiros poemas, é o modelo platônico de qualquer burocrata ou burocracia. Ele não se satisfaz em descrever, mas em buscar a essência que, mesmo nas diferenças, traz a radical igualdade das partes. Existe em BUROCRACIAL uma dialética especificamente poética e uma metafísica onde o autor aparece e desaparece, demiurgo desse universo próprio. Seu método é primordialmente crítico.

Vital Corrêa de Araújo sabe mastigar sílabas e vogais e ultrapassá-las como no poema “Murilo Enegeômetra Mendes Polipoeta”, onde uma realidade dicotômica é construída em imagens evanescentes, num paralelelo com o sentido comum que as palavras nos transmite. Ele nos exige uma vida, no mínimo, centenária, para descobri-lo na variegada floresta de sentidos, imagens, memórias que nunca são simples reflexos unos, mas vitrais numa catedral gótica. Existe em cada poema uma tentação estonteante. As palavras aparecem mudas, caladas como em tortura, decepadas por uma consciente crítica ao real que o circunda. Existe um grito preso em seus versos, se por um lado, por uma face, é todo roído, vida, sangue, batalha, por outro, dentro do mesmo poema, é contenção, freio, silêncio, tortura calada, tempo sem emoções. Metade de suas palavras são minerais – a outra metade um sentimento abismal de vida e torrente. Daí a contradição, necessária a toda obra de arte, entre mundo-consciência, autor-leitor, real-irreal.

As fatias do universo pessoal do poeta estão postas à mesa, nos resta agora degustá-las num verdadeiro festim poético, e utilizamos os mistérios desse labirinto com o ofício da faca que ele nos entrega.

(Publicado no Diário de Pernambuco)

## **TECNOCRATA SE DESCOBRE POETA VENCENDO CONCURSO**

“Estatura mediana, 30 anos, advogado, brasileiro, natural de Vertente, em Pernambuco, barbudo e introspectivo, um misto de tecnocrata e poeta, Vital Corrêa de Araújo, ou Victor Carres de Sacaje, como assina suas poesias, é o vencedor do concurso de poesia “Otoniel Meneses”, promovido pela Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Educação.

Atualmente, exercendo o cargo de Secretário Estadual da Fazenda, em substituição ao Sr. Artur Nunes de Oliveira, Vital Corrêa achou muito importante sua vitória, que serviu para integrá-lo ao Estado, através de raízes que só a poesia concede”.

Do jornal Diário de Natal (RN)

## QUE É GESTA PERNAMBUCANA?

**Gesta Pernambucana** é um poema longo sobre a epopéia pátria, sobre o nosso maior feito guerreiro e libertário, que foi a insurreição pernambucana, a guerra contra os holandeses. Sob o comando de Pernambuco, todo o Nordeste lutou e resistiu ao avanço da Holanda em nossas terras. Durante mais de 30 anos, a luta pela liberdade ensangüentou nossos campos e exigiu de nossa gente força e coragem, até que tombassem os batavos nos Montes Guararapes, até que Pernambuco restaurado, na Campina do Taborda, visse baixar a cerviz holandesa, assistisse aos bravos flamengos renderem as armas, estenderem ao chão as insígnias e assinar a rendição, saindo de vez do Brasil para fundar Nova Iorque. E, assim, Pernambuco resgatou a honra do reino português e a dignidade dos brasileiros. A RESTAURAÇÃO PERNAMBUCANA foi um feito que plasmou a nacionalidade, não no sentido abstrato, mas na acepção do sangue, da coragem, da solidariedade, em meio à morte e em plena luta, guerra que garantiu a integridade de nossa religião, cultura, liberdade, território e orgulho, e nos deixou marcas culturais riquíssimas.

GESTA nasceu a partir de uma sugestão da poetisa e pintora LADJANE BANDEIRA. O poema, por encomenda expressa de Ladjane, seria utilizado para ilustrar a segunda edição do Álbum de Ladjane, denominado TRINCENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO PERNAMBUCANA, que ele havia editado em 1954. É um magnífico álbum, totalmente esgotado, só restando hoje dois exemplares: um no Arquivo Público, o qual consultei, sob orientação dela, e outro na Fundação Joaquim Nabuco. Mesmo Ladjane não possui o trabalho. São dez estampas maravilhosas, merecedoras de uma reedição. O projeto de Ladjane era reeditá-lo em dezembro de 1984, mas como não foi possível fazê-lo, ela liberou o poema GESTA PERNAMBUCANA e eu o inscrevi no Prêmio Poeta EUGÊNIO COIMBRA JÚNIOR, da Prefeitura da Cidade do Recife.

GESTA narra os feitos heróicos dos pernambucanos e nordestinos, não com fidelidade à história em si, ou seja, em função da narrativa histórica, mas dando ênfase à emoção histórica, refletindo as mágicas e cruciais imagens que Ladjane capturou. Vai do grito de Ipojuca ao evento da rendição batava na Campina do Taborda, e canta os heróis, seus feitos e episódios da insurreição pernambucana, tendo como fio condutor as estampas do álbum de Ladjane Bandeira. É feito em versos livres, polimétricos. O ritmo é o da emoção que a história heróica de nossa gente deixou no poeta, através da mediação e do espírito pictórico, e da imaginação mágica, da pintora, crítica de arte, cronista, poeta LADJANE BANDEIRA. (V.C.A)

## A SOMBRA DO BARRO

Para além da tênue sepultura voa  
o sopro que ao morto abandona  
e feito pássaro assoma a cimos lentos  
que a noite modela com veloz minúcia

Vai-se o rosto no vórtice supremo  
e no mármore eterno deixa apenas  
traços furtivos de um aroma raro  
que a memória preserva com usura

Até que um incerto rumor corrompa  
as puras vozes da espera  
e na argila que reste a treva esculpa  
as frias legendas de sua injúria.

O que sobra do barro a sombra leva  
em inefável caravana por senda escura.

## FLORES DA URBE

Apodrecem rosas e ditirambos.  
Nas vias opressas petúnias são atropeladas.  
Cravos se acasalam nas lapelas  
recentes dos defuntos e espetam  
suas faces frias como mármore.  
Louco bálsamo gargalha, calêndulas  
comem alfarrábios.  
Desatinadas magnólias suicidam-se  
em plena praça no crivo das ruas côncavas.  
Hortênsias violentam emolumentos.  
O nimbo devora o boldo.  
Violeta é morta.  
Nardos envenenam duodenos.  
Nos conventos vociferam jacintos  
Em longas madrugadas medram  
as bruscas flores da espera.  
Constelações de cactos apunhalam  
solitário coração do sertão.  
Ervas coroam de tulipas ébrias  
os sonâmbulos sulcos da taça.  
Fedem begônias.  
O hímen da angélica agride  
talos da árvore suburbana.  
Florescem açucenas da cólera  
nos interstícios da náusea.  
Nos hortos públicos pululam  
pirilampos mecânicos  
sem lume ou alma.  
Nos céus da cidade voejam

borboletas automáticas  
sem cor ou graça.  
E no peito da avenida vicejam  
andorinhas sem ventre.  
Aves de metal bicam os olhos  
dos casulos de aço mudo.  
Choram  
abetos decapitados.  
As orquídeas vomitam  
ouro nos vasos.  
Acácias bêbadas acariciam  
o cadáver dos magnatas.  
As dalias de Baudelaire tombam  
dos becos amarelados.  
Madressilvas sangram no olfato.  
Jardins são decepados  
com a foice dos semáforos.  
Agonizam artemísias  
nos canteiros centenários.  
Os gritos das avencas bóiam  
das varandas fatigadas.  
Ruem círios em torno  
da caveira dos velórios.  
Cores mortuárias se instauram  
no rosto dos mortos importantes  
e se locupletam de suas bocas frias.  
Papoulas opinam  
sobre os eneágonos do fumo e denunciam  
o jade das hecatombes.  
Nenúfares se acantonam  
no amanhecer do sangue.

A dor esfaqueia miosótis.  
Na hera prospera morte.  
Grinaldas berram jorros de bentevis.  
Setas de espinhos fendem  
coração de nubentes.  
Nas celas sem lua  
perpétuas sonham  
utopias roxas.  
Lírios bebem escorpiões.  
Samambaias famintas devoram  
tarântulas do jasmim.  
Imóveis rouxinóis cálice  
do silêncio fendem.  
Na tundra metropolitana  
eucalípito canta.  
Inóspitos sargaços nadam no logro  
se afogam no ódio das gardêneas urbanas.  
As lentas luzes das pétalas  
enlouquecem girassóis.  
O pólen de cada hora emigra  
dos lívidos jardins da urbe  
para bem longe dos homens.

## POETA PEDANTE

Poeta pedante cultiva  
com esmero dourado  
silos de imagens roubadas  
dos arsenais do dicionário

E sempre colhe das manhãs retóricas  
em jarros anacrônicos  
rosas acadêmicas para adorno  
de seus sonetos salomônicos

Poeta pedante com avidez devora  
montanhas de epítetos e tomates  
jamais dispensa a resma de cebolas  
e a travessa de metáforas mal passadas

Poeta pedante tocaia tropos  
armadilhas arma para rimas  
e com visgo aguarda que chusma  
de símiles pouse sobre a página

Poeta pedante ronda manicômios  
em busca de vaticínios malucos  
com que ornar seus versos ínvios  
de visões ávidas e sonhos suínos

Poeta pedante nunca descuro  
dos mistérios de sua cútis literária  
e a cabeça harmoniosa doa às plumas  
metonímicas do seu travesseiro sonolento.

## TRECHOS SOLTOS DO LIVRO “O DESTINO POÉTICO DE VITAL CORRÊA DE ARAÚJO”, DO PROF. SÉBASTIEN JOACHIM

“Tudo leva a crer que o cérebro peritemporal do compositor e do poeta seja três vezes mais largo do que o de seus leitores-auditores (Cyrulnik e Duval 2006:19-23). São pessoas envolvidas a vida toda com a artisticidade verdadeira. Sua vida é uma vida de criação. Seu destino, um destino de poeta.

Assim é que pensamos ser César leal e Vital Corrêa de Araújo, com as devidas ressalvas de ordem contingencial.

No Panorama Literário (Diário de Pernambuco, Recife, 1/3/1985 – B-6), Mozart Lopes de Siqueira, tratando do “imaginismo de Pablo Neruda”, sublinhava “en passant” a que ponto “Invenção da Noite Menor” e “Soneto Acrobático III”, de César Leal, se distanciaram do tipo de imagem poética de seus confrades poetas, por sua singularidade. Coincidentemente, na mesma página literária, Silvío Roberto de Oliveira saudava igual especificidade nos poemas de Burocracial, que acabava de publicar Vital Corrêa de Araújo.

Portanto, a aproximação que acabamos de fazer não é fortuita. No entretanto, tendo enaltecido o talento superior de César Leal em vários ensaios publicados no Rio de Janeiro e alhures, concentraremos nossos esforços desta vez sobre VCA (Vital Corrêa de Araújo).

Nesse volume, apresentaremos este poeta como o poeta da metáfora. Mas não se trata da metáfora dos clássicos retóricos. Para melhor entendimento, é preciso voltar aos alicerces corporais e mentais a que nos têm introduzido Boris Cyrulnik e Philippe Duval (Psychanalyse ET Résilience, Odile Jacob, Paris-2006).

A vertente épica aparece em 1977 no poema Dura-habilidade do herói, feito anunciador do livro “Gesta Pernambucana” (1990) dedicado às grandes páginas da Restauração Pernambucana. Este livro, oferecido à pintora e poeta, Ladjane Bandeira, baseou-se – e foi solicitado por ela – no álbum Tricentenário da Restauração Pernambucana (gravuras, de que só restam dois exemplares). É preciso reconhecer que, haja visto o plurissentido do título do poema, é fortemente provável que se esconda por aí algo similar ao texto A tecelã. E não é por acaso que, quando Gesta Pernambucana foi escrita, já fazia parte da vida brasileira a onda de comemorações acopladas à busca de identidade, que caracterizou o trabalho de Ariano Suassuna e que virão reforçar Os Heróis de César Leal, os romances de Raimundo Carrero e Cláudio Aguiar, a publicação de diversas antologias de poemas sobre o Recife, nas pegadas de JCMN. A essa tentativa de recuperação da memória, ao emergir de dois projetos de revalorização do Recife Antigo

pelos poderes públicos, um poeta da envergadura de Vital Corrêa de Araújo não podia se eximir.

Este livrinho (Burocracial) de 95 páginas é uma antologia de poemas publicados apenas cinco anos após o livro de estréia, uma galeria de jóias verbais minunciosamente talhadas, por um ouvires da palavra.

Já encontramos uma lei explicativa da proximidade do diverso, dos mais estranhos objetos e dos mais desconcertantes predicados em Vital Corrêa de Araújo, o poeta da metáfora. Por trás da metáfora, diz Ricoeur, há Eros ou o prazer dos sentidos (retenha a polissemia da expressão), há a presença do desejo de ligar tudo que existe (seres, entes, coisas de toda natureza) num coito sem fim. Porque, segundo o filósofo, “A vida é única e universal, toda em todos”; é desta matéria que o prazer sexual participa (1960: 119, 146-147; 1998: 449). Mas Paul Ricoeur acrescenta essa ressalva: a Eros se opõe Thanatos, e essa força de desestabilização e de corrupção leva ao desabar do desejo. Daí, a presença, na poesia de VCA, da onipresença da morte, o oposto do entrecruzar-se do todo.

Porém, estou plenamente de acordo com o crítico, quando afirma que VCA ultrapassou os limites do modernismo. E nosso estudo sobre o sublime o prova.”

Do livro O Destino Poético de Vital Corrêa de Araújo – Sébatien Joachim – Edições Bagaço / Instituto Maximiano Campos 2009, 141 páginas.

À sublime leveza da nudez feminina  
a única verdadeira, desde Eva

1. (que faz os homens flutuarem).

À folha ou falha da erva, à relva  
tênue, límpida, rala, lúcida, irônica, proibida

2. que atapeta o púbis da menina.

À longa e grata fascinação do abismo

3. e do adjetivo.
4. Ao eterno trabalho do pó.
5. Ao inútil trabalho dos lírios.
6. Ao sopro de barro.
7. Aos carvalhos proféticos de Dodona.
8. Ao éter, pai e vazio.
9. Ao oblíquo e voraz ímpeto suicida.

À estéril vigília da vida, à pálida aurora  
repetitiva e enganosa  
aos olhos ávidos dos vivos  
ao verme que ao rosto dissolve.

10.à cor morta a que a noite nos transporta.

11.Ao maxilar de cada instante que nos tritura.

12.À corporeidade da azáfama.

13.E outras metafísicas cambrianas.

1. De môtada em môtada enche-se o nada.
2. A dúvida esclarece a vida.
3. Sono fruto de pedra e abandono.
4. Olvido tem forma de guarda-chuva fechado.
5. Cabe ao morto desenterrar uivo.

1. Homero amava Penélope.
2. Sócrates era pedófilo.
3. Aristóteles, gago.
4. Dionísio amou Adônis.  
Pupilo dileto prestativo discípulo de lágrimas
5. Platão era a menina (dos olhos) de Sócrates.

1. No coração do esterco jaz a (fértil) verdade.
2. Bate pinos a biela do meio-dia.
3. Extasia a nudez o vazio.
4. A sibila bate ponto em Delfos.
5. Somos contemporâneos apenas da morte.

Cão interior late menos

1. quanto mais sal forneçamos.

Rumor de rã deságua do tanque do jardim

2. ruído escorre dos arredores de Pequim.
3. No frio cais sonolento Caronte conta sombras.
4. Fatigado recolhe moedas do que restou da boca dos mortos.

Quanto mais lama, mais suínos  
quanto mais estrelas, maior o céu noturno

5. quanto mais tempo, mais eternidade.

## SETE POEMAS SEM CAUSA

“Carrega o peso da dor  
como se portasse medalhas  
uma coroa de um milhão de dólares  
ou coisa que o valha

ópios, edens, analgésicos  
não me toquem nessa dor  
ela é tudo que me sobra  
sofrer, vai ser minha última obra”

Paulo Leminski

“Quando escondeis o Vosso rosto perturbam-se  
quando lhes retirais o alento perecem  
retornam ao pó de onde vieram.  
Mas se lhes enviais o Vosso espírito  
Voltam à vida, e renovais a face da terra”

Salmo 104

1. Ao divo aedo e ágil que teceu Penélope.
2. Para o poeta meia palavra resolve.

Em Atenas os cétricos sabiam  
estrelas mortas ainda pululavam

3. no céu de sua filosofia.
4. O sofrimento é aqueu.
5. O sal ático.

São Luis lambia à luz do amor  
em ágape profundo  
as escrófulas dos súditos  
e aos centos corrente pus sorvia.

1. (as via como pêssegos vivos ou melancias).

- Na Babilônia fornecia-se ácido muriático
2. para quem sofresse de dor ciática.

- No percurso da acácia há inválido  
rumor de luar, jorros de cevada
3. (além de cavalo apocalíptico à tardinha)
  4. Crédito vale mais do que credo.
  5. O amor também é abjeto.

6. Toda máscara inspira-se num rosto.

7. Cegas são as luzes da melancolia.

A vida é feita de ruínas brancas, demolições lentas  
de opções frágeis como uma cereja ou um bordel e

8. de dilemas como o verme ou a rosa.

Tantas vezes partido cântaro

1. vá à forte que esta seque.

Quatro estações do ano  
e nenhuma quinta para  
escolhamos o caminho entre elas

2. (abriguemos a desolada alma).

Tanto durou abraço dela em mim  
que o amor se desesperou

3. em pedaços sem fim.

Enterra a flor e põe o homem  
sobre esse fúnebre jardim

4. campo de dores como o seu nome.

Quando primavera a árvore

5. sombras voam para o pássaro.

É o outono do seio que outrora  
em tenros dedos enrijeceu  
súbitas e airosas aparecendo  
de suas aréolas trêmulas  
primaveras, e de redondos hortos desabrochando

1. a rosa dos mamilos para as mãos.

- Cavo eco do mar sábios búzios quebrou
2. em dúzias de líquidos vitrais.

- Ciosas sereias em ânsias
3. de Ulisses dilaceram-se.

- E as conchas marítimas entristeceram
4. vendo os amantes fugirem para seus medos.

- Quem tenha quintal sujo
5. nunca critique jardim de outro.

1. Conveses são oásis das naus de areia.

Gáveas ninhos das nações do vento

2. belvederes azuis, cenáculo para desfile dos elementos.

3. Gaivotas sonoras estrelas marítimas, águas voando.

4. E o coração âmbito de delírio.

Sob tempestades ou calmarias de palavras

5. poetas sucumbem ou se salvam.

As estações do amor estão fechadas.

6. Para demolição. Definitiva.

Rações de vento para sôfregos.

De água para náufragos.

De ira para deserdados.

De ódio para derrotados.

De dor para desamados.

7. Tudo para nada.

A lâmpada da alma  
escaninhos e sombras clareia  
cegos abismos e côncavos desejos esclarece

1. ilumina vazios.

Na casa suspeita de Aspásia  
o filósofo da cicuta buscava

2. delícias proibidas.

3. Metafísica Sócrates enquanto grunhe Xantipa.

4. Cais onde naufragam crenças agoniza.

Hipocrisia

5. homenagem que o vício renda à virtude. (Heráclito).

- E a omoplata do nada ilumina  
6. o escuro fêmur do espírito.

- Hidropsia  
7. homenagem que a água preste ao fígado. (Vital)

- Vazios e azuis conveses  
onde os esses das lentas sedas cintilem  
e náufragos busquem guarida  
8. para os nadas de suas vidas.

- Azuis vazios ou vazios azuis  
eis o dilema letal para a leitora  
9. desses poemas inusuais (isto é, inúteis demais).

Cético, sim, mas duvido do meu ceticismo  
quando cismo sobre mim

1. me ensimesmo sem fim.

- A verdade (azeite do espírito) extrai-se a frio
2. mais dos erros espessos do que das certezas vazias.

3. Verdade nua e crua a realidade.

Quem urde o acaso e a leveza  
de que são forjadas nossas certezas?  
(das bigornas do espírito saem chispas

4. de dúvidas e chapas de batidas utopias).

5. Mentiras inteiras valem mais do que meias verdades.

6. Luz – faísca de aço – cintila, solapa, consola.

Do continente do instante

7. à náusea dos pátios uivantes.

Da noite coagulada brota

8. virgem aurora.

De útero da alvorada saem

9. peixes de sol, vôos de pedra.

10. O trânsito das cores pétreas o opaco empalidece.

11. A óssea certeza do amanhã já não existe.

1. Cântico silêncio abala, abrupto monge dispara.

Jogral imóvel palavra ao vento espalha  
2. e o som da folha de relva contempla quando flutua.

3. Sobre a dor que te assola o rosto pergunte à água.

4. Lira perdulária caudaloso silêncio vibra.

5. O cerne da dor e os lenhos da cruz empalidecem coivaras.

No pátio de São Pedro Powell  
busca o túmulo de Poe.  
E Mário escolhe o sol  
para companheiro e itinerário  
para concepção do nome e sudário  
para destino da tarde que se debruça  
nas pedras setecentistas do Pátio  
(de todos os bêbados, de todos os pombos  
de todos os enamorados  
e de toda a vasta grei em extinção dos sonhadores).

A dizer nada com palavras elevadas  
a dizer pouco com altas palavras  
a dizer seda com a teia da alma  
a dizer sede de desejo e água  
que outorgue ao lábio já putrefato  
ímpeto de satisfazer a carne  
a dizer fulmine-me a vida ou renove o sangue  
detenho-me a desinência, o ridículo  
de um estanque dicionário cesse  
a fileira marcial, a horda paradigmática sucessiva  
amoede-me o signo mais bursátil  
menos cioso do humano  
lêem-me máscaras estranhas aos rostos  
desencarnadas das raízes, as copas respirando  
measure-me ato de potências domadas  
fontes imaculadas ainda, vinhos que uivem  
cosméticas inacessíveis, extremas essências  
devolutos vultos que o tempo depaupera e consola  
que civis emboscadas de severas primaveras  
desmascaram, enrusicem, expõe a alma à pedra  
o íntimo publica, o púbis deprecia  
porque teme a lúbrica presença do impuro  
a impostergável vitória do obsceno  
e suas legiões lascivas  
retraia-se, disperse-se a face, pele e alma  
tudo o que o rosto não busque  
levante de seiva desolada  
conflito do desejo com a realidade  
pugilo de cansaços com edifícios lassos  
épura carnal do sol deserto  
no auge ermo erguendo-se para as ceras  
com que Ícaro o céu nutra  
tudo o que ele discurse legue-se  
a quem ao que indicio aparate-se  
quando escruto o futuro  
emboscadas de cruéis abris tanjo para o nada  
absolvo como Donne, injurio ou renego como Pound  
as bruscas frases que aos lábios vêm  
dores antigas trazem à luz círios já surdos  
a cor efêmeros dias de prazer trazem  
às bandejas que noites consumiram como vinhos brancos  
e o gasto que para a multidão é desdém

eu escravizo e no ludo nojo jogo  
juro que meu grito escoe  
pelos púlpitos do tímpano  
até que o capital olvido desembarque  
no esgoto que calmo lábio guarda (porto e capitel)  
suas tropas rumorosas dos ouvidos da metáfora atiradas  
inoculando o sono na imagem  
creio que assim o sonho avance ou remanesça  
mas nunca desfaleça ou inverta-se  
até que a razão de ilusão cesse (ou cresça)  
esvazie-se do banal que é insincero  
sinto que o alimento da alma é denso, crasso  
até que o pasto da vida seque  
e o rio ávido do tempo beba  
o que restar da árida veia  
o saldo da memória que rasteje  
quantas vezes tenha o rio bom senso  
e presença afetiva da água em riste  
tenha o curso até o tímpano  
lacre o hímen do tempo  
tantas o naufrágio espicace  
as medidas do espaço, as dimensões  
das horas para o mundo humano  
desritmado, ao ermo trânsito destinado  
no desolado levante da vida sou sol posto  
de ara severa e triste ruína aberta prece  
vim de ontem quase verbo passado  
hoje vivo a roer (rato diplomado e farto)  
os ossos dos antepassados (sem fausto)  
legado que renego ou afago  
espólio em forma de sintagmas  
posse em nome do demônio  
músico que reine na página  
do corpo e da alma.

## POEMA À LEITORA

Iludida irás à sombra  
leito áspero onde  
rosas te esperam  
com espinhos.

Eu não sei onde quando  
que rotas de sono  
ao erro te levaram.

Moendas do tempo  
rodas e mãos  
te conduziram  
até onde o ouro acaba  
até quando a hora amara  
chegar.

Queres ficar onde  
tuas dores cantam.

## INTERROGAÇÃO AO POETA MILCHIADES MONTENEGRO FILHO

Quem – a não ser Holderlin, Rilke e ti  
por trás das sílabas prende  
o vôo dos fonemas

pássaros inscreve  
com solfejos  
e aéreos cinzéis

roçando  
na pele da vida e toca  
o rumor do invisível que perpassa  
entre o sono furioso das palavras  
e a agonia do verbo criar?

Quem, além deles e de ti, sabe  
do prazer do inexprimível  
(da exata falta banal de palavras exatas)

quando circunscreve o infinito  
num instante físico do poema

num íntimo esmo  
que o acaso dedilha  
no teclado da página vazia?

(A aproximação do verbo ao indizível  
é qual a de Deus ao rosto do homem  
que o misterioso prazer do texto poético presencia).

Quem a alma joga com os dados do corpo  
na mesa deserta – e branca – do papel  
e o completa do pleno  
e do possesso (que é o aberto)?

A quem cabe o êxtase dos horizontes  
o rigor cósmico da vida, o melífluo lento  
a escória impotente, o dissídio do tempo  
o marcessível crisântemo  
que rondam as estrelas  
essas espantosas abelhas  
de brilho, luz trêmula  
e fugidio encanto?

A quem cabe o que jaz no coração escuro das galáxias distantes?  
(E o que molda o vivo barro das palavras  
fonte do inerte e do corpo de Deus)  
senão a ti, leitora de Rilke e Holderlin?

Quem deu asas à volúpia de ser  
senão eles? (que o arco do abismo contemplam)  
e flagram o angelical ainda em potência  
com o ato da intuição lírica?

## A MARCUS ACCIOLY

Da noturna fonte vem o dia  
ainda dissoluto de águas incompletas  
trégua chegue às velozes pocilgas  
trajes não mais em nu se disfarcem  
metros de dogmas queimem  
dos turíbulos de cinza erga-se voo turvo  
espírito creme (o amarelo espraie-se)  
coivaras de círios cresçam, a face trema  
quando te acerquem vermes densos  
e a sombra do cristal enfureça  
os sois das pedras a dor dos olhos  
e o silêncio se faça tundra sem data  
e a veia em paraíso se abra  
e o clamor secreto torne-se  
sílabas de grito e luz duradoura  
banhando as alvoradas da Babilônia  
os escuros dos trâmites da alma esclarecendo  
manhãs esculpindo os olhos dos homens  
atravessadas nas pupilas das rosas.

**BRINDE À TAÇA**

A essa forma de prece e alvorada  
a esse continente de sede e sonho  
o mais puro brinde ergo  
brando o trago mais profundo.

A essa lágrima de cristal e garça  
a essa cave em que o vinho golfa  
a essa gota aberta em copa  
oferto a tua boca minha taça.

## DIVO VINO

Aos ébrios deuses  
tintos habitantes  
dos céus dos tonéis.

Nem hecatombes despertam  
esses deuses cúbicos  
de sua bêbada meditação  
no altar das tinas  
da longa igreja das adegas.

## DOIS POEMAS VINHOS

O vinho da palavra chama-se metáfora  
Sua embriaguês poesia.

Das navegações nos lagares  
memórias de âmbar e rios guardas  
e a paciente fragrância  
do mosto de acanto e nascente.

## VINHO

Vinho é um monge  
na cela da pipa recluso  
cave onde medita e amadura  
contemplando madrugadas mornas  
cúmplices essências descobrindo  
no minucioso silêncio das dornas.

## VELHO E BOM VINHO GIDE

O vinho da tâmara chama-se lagmy  
e foi uma taça de lagmy que um pastor cabila  
a Gide ofereceu nos belos jardins de Uardi.

Gide bebeu todo o sôfrego vinho  
e viu gerar-se vasto oásis em sua íris  
da pupila viu brotar o tempo íntimo  
o deserto dessedentou-se em sua boca rubra  
a tarde apascentou-se em sua mão de lua.

Entre flores afegãs e pedras beduínas  
Gide navegou  
no dorso dos camelos da utopia  
nas águas fundas da fantasia  
nas ásperas naves  
do seu sonho árabe.

Gide embriagou-se longamente  
com o vinho capturado

no coração das tâmaras profundas.

Orvalho cálices invade  
com gotas de grito redondo  
o peso do silêncio estraçalha  
taças de abeto, copos de cobalto  
úmidos pólenes esmaga  
estames rudes crava  
na cruz da pétala  
(néctar moribundo prega no peito  
da abelha operária).

O usado hímen da rosa  
logo se acrisola.  
O buquê acrílico.  
torna-se lua ilhada  
do quinteto palavra.

**AO PESO DO CÁLICE**

À escura morada, ímpia casa, lar extremo  
dos pobres pecadores não entram  
preces para os desesperados  
nem escapam do subterrâneo refúgio  
as súplicas de suas vítimas  
e ainda que Plutão ouvisse  
o acaso dos rogos atravessados  
ou o pranto arremessado do peito  
do âmbito do Lete suspensos  
no oco desse rio esquecido e asqueroso estacionados  
suas surdas ribeiras beberiam os apelos  
e lágrimas caíam nas bacias (ou vão) do esquecimento.

**PIEADADE INÚTIL**

Céu aquoso exército  
do acaso cria  
o estanho da tarde  
preso à geografia.

A gramática do poente deixa  
rastros noturnos na veia nascente  
ou na voz o sal levanta  
gumes de afasia.

Plástica violência  
corda na garganta  
canção de pestilência  
eis o dilema.

**ESTAÇÃO TERMINAL**

Árido vão do espírito  
gota de sangue em visceral  
cela de ávido cristal  
lágrima em decúbito oftálmico  
sal lunar do sertão astral  
(de cacto em cacto deambula  
em busca do zeugma ou da lonjura).

O vão da vida é árido  
ou o árido da vida é vão?  
Adivinhe, proba leitora!

**MULTIPLA ESCOLHA?**

Silêncio corta a espessura do uivo  
de aço, carne, dilúvio.

O dia vendeu o grito  
da multidão ilusa, deserta, áspero  
(da branca praça exilada).

Sem mácula a tarde foi-se.

Ser elenco da noite. E cúpula.

(Afiado gume segou a safra  
da voz, a muralha do silêncio estilhaçou).

**CORTANTE SILÊNCIO MESSE**

## DESSAVESSANDO

### O AVESSO (excertos)

BEZERRA DE LEMOS

“A crítica costuma não confundir a obra literária com seu autor. São dois elementos distintos, que se confirmam com a “**Autopsicografia**”, de Fernando Pessoa, e a “**Filosofia da Composição**”, de Edgard Allan Poe. Todavia se faz necessário associar a obra vitalina ao Vital, seu criador e, por extensão, compará-lo aos deuses do Olimpo, na Grécia, notadamente à **Érebo**, que se uniu com a noite para procriar. Esse deus é anterior à antiguidade: ele produz ou inspira invisível simpatia entre os seres. Aproxima, une, mistura, multiplica. É o deus da afinidade universal. Invencível. Nenhum ser pode furtar-se à sua influência ou ao seu poder. Esta é a descrição do amigo e poeta Vital Corrêa de Araújo.

A teoria da prática revela, na evolução da obra vitalina, uma estranha e fascinante combinação de uma atitude e de **temáticas vitalistas**, dionísica (sem levar em consideração a temática do **deus Príapo**), com um abstracionismo formal que constitui, na formulação da sua própria poesia, o espinho do intelecto cravado numa predisposição imagística que se faz prática na poética sistematizada de Vital. Uma forte marca de sua poética é a concepção formal e verbal: o poema é a sua forma, seu conteúdo é da esfera do existencial, que podemos observar em **DISCURSO CRESCENTE DE MIM**:

“Hoje estou só sem vírgulas ou palavras súdita  
estou acamado nas nuvens mucamas do poeta  
nefelibatando infelizmente prenhe de imagens úmidas  
à superfície da lua me ato ao rosto do amor  
à beira mar de Vênus curvo-me  
nada surge no meu auge fúlgido nada  
me lembra a não-náusea de teu corpo – arte  
que Sartre em Simone bela bebeu  
uno-me ao fôlego lisbonense das sereias

meu ar ávido divido com épuras e coivaras da vida  
 ou inertes corações de cedro dinamarquês ergo  
 às canadenses miragens do meu velho empório de sonho  
 que alto professor de poesia alicerçou de palavras sublimes”.

O poema, no seu **Discurso Crescente**, trabalha com dois eixos, que se centram no poeta enquanto ser agregado à sociedade e numa forte relação hermenêutica, onde o poeta se debate entre o real e o imaginário, através do sonho, todavia, só encontra esse real nos intervalos do sonho (no seu **nefelibatismo**), que o leva a Sartre e a Simone na sua náusea do Tempo Perdido, que fez encontrar a psicanálise de Sébastian Joachim com o existencialismo de Jean Paul Sartre.

A poesia de Vital, também, doa fogo a Páris e atinge Helenas na Hipnose de Afrodite, em plena “Quarta, às Quatro”, sem Menelau a Procurá-lo, pois a Tróia não está em guerra: faz parte dos intervalos do sonho, este é o seu real. Todavia, como um René Maria Rilke, na Canção do **Porta Estandarte**, ele prossegue arrancando o coração das palavras e doando (como um tira-gosto acre de vinho) às viúvas do Olimpo, que se embriagam, apenas, com as sementes do fogo que ardem no útero das palavras:

“[ainda]  
 Aos alabastrinos ângulos do sal  
 Às fecundas mucosas das vaginas  
 A maciez dos lábios virginiais  
 Ao hipnótico olho da papula  
 Ao pólen no coração dos cadinhos  
 Às cimitarras de aço sumério  
 Às facínoras curvas da foice  
 Aos feéricos vagalhões das lágrimas  
 Aos púbis transcendentais

-----  
 Este é um poema para os não habituados  
 Para os habituados, não é um poema”

O poeta Vital buscou as veredas dos deuses, a fim de nos oferecer a semiologia das palavras, que se encontram do outro lado da margem, nos oferecendo e mapeando os limites da diacronia e sincronia (“langue” e “parole”), sintagma e paradigma, e compreender que o signo só significa na dependência da linguagem, embora ausente do texto motiva a sua estruturação, através da metonímia:

## SEIOS

“Rijos deuses redondos  
para o culto alpino do lábio  
canções de carne  
que mordem a boca  
**e encantam  
a alma da mão.”**

Neste poema, as metáforas, misturadas a todos os casos da metonímia, se transpõem e leva o sujeito ao reino do onanismo universal / “e encantam / a alma da mão/, enquanto sacerdote do / culto alpino do lábio” /. O poeta se doa ao imaginário, através do sonho e do SIM-bólico.”

A poética de Vital nasce e cresce, a partir do líquen das palavras e se espalha aos ventos zéfiros engravidando o tempo poético do poema (como as éguas iberas) em Machado de Assis, que engravidavam pelo vento, através da luta com as palavras. Sua obra poética vincula-se a um martelo quebrando as pedras dos vocábulos, a fim de criar um poema novo repleto de futuros.

## UM POETA DE INTERVENÇÃO (Trecho)

Maria de Lourdes Hortas  
Burocracial (poesia)  
Vital Corrêa de Araújo  
Edições Pirata, Recife/ 1982

“Embora apodreça/ no estoque estúpido/ do supermercado/ a poesia está em falta/ mas viaja”. Quem diz isto é Vital Corrêa de Araújo, no livro **Burocracial**, recentemente lançado pelas **Edições Pirata**, e que acabo de ler.

Mário Quintana, quando esteve em Recife em novembro de 81, para a Semana Joaquim Cardoso, disse uma frase que arqueei, por responder ao pânico de muitos críticos sobre a quantidade de poesia ultimamente publicada em todo o Brasil: “Acho ótimo publicar-se tantos poetas. Porque embora noventa por cento dessa poesia não se salve, dez por cento é boa. E é bom haver milhares de Chiquinhas da Silva para acontecer, de repente, uma Cecília Meireles”.

Agora, reencontrando a poesia do autor de “**Título Provisório**” (publicado pela Fundação José Augusto, de Natal, em 1978), vou buscar a frase de Quintana, adaptando-a à circunstância, para dizer: acho ótimo publicarem-se milhares e milhares de Fulanos da Silva, para de repente aparecer um Vital Corrêa de Araújo.

Trata-se, sem dúvida, de uma voz de timbre novo – clarim acordando o leitor, que boceja diante de tantos livros que se pretendem ser de poesia, mas que não passam, na maioria das vezes, de antologias de lugares-comuns, vistos, revistos, gastos, cansados.

De grande unidade e harmonia, quer na temática, quer na linguagem, este livro não é mais um entre os muitos conjuntos de versos de lirismo balofo, onde os autores se põem a contar, em formas mal alinhavadas, as mal traçadas linhas de suas vidas. Ao invés disso, **Burocracial** é um livro consistente, onde forma e conteúdo se entrelaçam, alcançando um elevado compromisso com a arte. E, como arte que é, não está fadado a apodrecer “no estoque estúpido do supermercado”, porque vem suprir essa carência de verdadeira poesia de que tantos se queixam. V.C.A. não está apenas de viagem, passando pelos mares da vida e da poesia como um turista distraído ou diletante. Veio para ancorar, denunciar, intervir.”

“Publicado no Diário de Pernambuco”

**LUDISMO**  
**TRANSCENDENTE (trechos)**

**Hildeberto Barbosa Filho**

“Vital é daqueles que bifurcam seus caminhos estéticos, sem perder, contudo, a unidade subjacente que trama, em recorrência paradigmática, seu gesto criador. Diria que esta unidade de concepção, contemplando o plano das idéias e dos motivos variados que atravessam os territórios de sua poesia, incide também nos artefatos estilísticos, em cuja clareira iluminada, despontam, por um lado, o rigor da construção contida, quase *condensare*, e, por outro, a alogicidade visionária de fundações metafóricas radicais. Para me valer da tópica grega, recuperada por Nietzsche em ângulo estético-filosófico, vejo em Vital Corrêa de Araújo uma espécie de *soma* a fundir Apolo e Dionísio, naquilo que estes mitos podem representar, em termos de linguagem, o arrebatamento órfico e a simetria arquitetônica.

O poema “À”, na verdade uma dedicatória translógica que reverbera no texto “Só as paredes confesso” dá bem a medida do anárquico demiúrgico e da atmosfera dionisíaca em seu espraiamento metafórico surpreendente, assim como poemas, a exemplo de “Batalha branca”, “Hoje”, “O especialista” e “Morrer”, entre tantos, parecem caracterizar perfeitamente a linhagem apolínea dessa poesia consolidada.

Imagens expressivas, fertilizadoras do processo intuitivo de capturação das inomináveis latitudes do real, ao mesmo tempo que instauram uma nova semântica para o idioma, se materializam em versos assim: “(...) à brancura das almas cruéis (...) às pastosas geometrias da morte (...) à lembrança das melodias estraçalhadas/ pelas lâminas das horas passadas/ nas alameadas do teu rosto”. E mais, muito mais, no vertebrado poema da página 36 a 42, de que destaco, para efeito comprobatório, os seguintes versos: “(...) às abelhas hermenêuticas/ às baunilhas metonímicas (...) à hipermetropia dos rinocerantes (...) ao hipnótico olho da papoula (...) às cimitarras de aço sumério/às facínoras curvas da foice (...) à tenda do equinócio (...) Aos eruditos torsos de Apolo (...) à rótula de Foucault”, e, entre tantos achados de índole surreal e expressionista, esta bela sucessão:

às ondas cônicas  
às capelas hípicas  
aos hinos púnicos  
aos sinos ímpios  
aos hunos côncavos  
aos cantos únicos  
às túnicas pânicas  
aos anos cínicos.”

“A matriz antológica que disciplina a tarefa seletiva, numa coletânea como esta, parece definir, em fase de maturidade criativa, os ângulos nucleares de um itinerário poético singular. O peso da metáfora, também assinalado pela exegese de um Sébastien Joachim, naquilo que o *tropo* pode trair de estranho, de enigmático, de impensável e de impossível, não só eleva as categorias expressivas da língua e da linguagem, mas também colabora, e colabora de maneira seminal, para a densidade significativa dos conteúdos temáticos e ideativos que configuram matéria de poesia”.

“Ângelo Monteiro, poeta-crítico, em síntese conclusiva, também se associa ao meu pensamento, ao ressaltar que “Vital Corrêa de Araújo, como poeta culto, que não nega o espontâneo, demonstra alta maturidade em relação à linguagem sem perder a capacidade adolescente de sonhar o mundo”. Verdade incontestada: a cultura do autor, manifesta em requisitos típicos de quem domina as técnicas e os conceitos da criação literária, não elide, por sua vez, as ressonâncias da *hubris*, isto é, a desmedida, a fonte do delírio, os espantos do devaneio que, segundo Gaston Bachelard, desencadeia o fluxo das imagens mais amadas.”

Publicado na Revista Encontro (do  
Gabinete Português de Leitura de  
Pernambuco)

## HERMETISMO VITAL

Cláudio Veras

Na fruição da obra poética há um óbice considerável constituído pela atuação de uma força que leva a percepção atual do presumido leitor ao passado, ou seja, a uma situação de imobilismo (que se confunde com tradição, cuja permanência autoritária afeta o futuro estético).

Os modelos não são atualizados em face da força de inércia que paralisa a forma e vulgariza o conteúdo da obra: a estatura diacrônica é pigmeunizada pela corrosiva ação sincrônica.

A arte é tida como algo já concluído, estabelecido no passado, e o presente de toda arte é supérfluo. Qualquer inovação equivale a desvalorizar o passado, profaná-lo, e atentar contra o que já foi alcançado – e está consolidado em arte. Para os arraigados cultores do passadismo poético, a arte do presente é estranha. Algo eteizada. Pararreal.

Outro critério dualista (quase mesmo maniqueísta) é o que empluma o prélio clareza versus obscuridade (que são conceitos relativos, pois só se é claro ou obscuro, para alguém, para um público determinado por suas competências literárias). A obscuridade ou a clareza não são qualidades em si, mas percepções, fatos psicológicos, deduções. Não são ações, são efeitos.

A obscuridade que chancela a arte moderna (poesia, pintura, música, cinema e o romance experimental – Musil, Joyce, Alberto Lins Caldas, Guimarães Rosa, Osman Lins), por largo tempo, não dizia respeito ao mérito da obra, mas concernia ao julgamento negativo do público, viciado em consumo fácil, e da crítica dita acadêmica, apta a consenso raquítico.

Os poetas modernos não mais se comunicam com a maior parte da classe geral dos fazedores de verso.

A obscuridade resulta de uma comunicação interrompida. Ou inapropriada. Com o passado. Mas não é algo ainda suspenso no passado.

Essa abordagem tem como alvo o trabalho poético de Vital Corrêa de Araújo.

A V.C.A, como poeta, aplicar-se-iam facilmente as epígrafes.

“Há certa glória eu não ser (bem) compreendido”, dispara Baudelaire.

Fazer poesia, para G. Benn, equivale a elevar as coisas à linguagem do incompreensível.

“Poeta ambíguo entre coisas duplamente agudas, assiste ou elabora peleja entre tudo aquilo que luta pelo presente contra a completa perspectiva do futuro”. S. J. Perse.

“Ninguém escreveria versos se o problema da poesia fosse fazer-se entender, fosse ser compreensiva amiga”, diz Montale

Porque na poesia moderna há algo que força a linguagem poética num sentido que se distancia do âmbito da comunicação social normal, a pecha hermética é aplicada (e somente pelos ingênuos leitores).

**PARA CLARIDADE DA FUGA****a César Leal**

é preciso que rostos se extingam  
e tochas emudeçam  
para claridade da fuga

que rios cubram rumos  
e rastros ceguem sendas é preciso  
para claridade da fuga

que se evolem lâmpadas, triunfem cinzas  
que empalideçam brilhos é preciso  
para claridade da fuga

é preciso para claridade da fuga  
que deuses fecundem sombras  
e gritos se bifurquem nas gargantas

para claridade da fuga é preciso  
que sóis mirrem, morram luzes  
e olhos nasçam novamente

**PARA CLARIDADE DA FUGA.**

## A FUGA DO ROSTO

Narciso se contempla absorto  
no amante que aquoso  
espelho cria da matéria  
formosa de seu rosto

Ao beijar-se vê o lábio  
trêmulo da água ao sopro  
do amor mover-se como  
a face de si fugisse

Ao suspiro de Narciso  
se encrespa a água  
e a imagem amada  
de si mesma se estilhaça

## SINFONIA E POMAR

Num pomar em Tíbur  
um efebo olha o outono.

E a brisa manuseia sua túnica cínica.  
Em seu olho adolescente late breve crepúsculo.

E flautas frígias  
agudas como vozes de eunucos

são a ele oferecidas  
numa bandeja de longos búzios.

**CORAÇÃO?**

O que é o coração, além de ser  
órgão oco e muscular, habitante  
da cave do tórax e bebedor  
de sangue – esse vinho tinto e sonâmbulo  
que noite afora rege as sinfonias do corpo  
e nutre de imagens nossas fantasias imperdoáveis?

Que é o coração, além de ser  
essa bomba vital, maestro crucial  
que sob o ritmo cardíaco  
de sua batuta comanda  
a espécie e a odisséia humanas?

Coração, casa velha, solitário caçador  
catre de emoção, pátio incansável  
turvo leopardo, andarilho rubro  
arroio louco, oásis súbito  
desatinado amigo, imperfeito parceiro  
terra inútil, músculo vazio  
noturna e covarde ficção  
cofre, nave, grito, quimera incurável  
guerra sem armistício, canção.

**POEMAS DE LINHO**

**AO POETA PAULO BANDEIRA DA CRUZ**

**1****(tecelua)**

Árduo urdume cravo  
no verde corpo do agave

da trama da palavra ergo  
ditirambo embriagado

do sono da cambraia tramo  
sonho de cetim alado.

**2****(soltecer)**

Ergo monumentos de bramante  
estátua jeans  
com o índigo da vida estampado  
na alma brim.

## O CORAÇÃO É UM CAÇADOR SOLITÁRIO

Coração errante e andarilho  
que bate para quem já foi embora  
e estruge nas estradas solitárias  
à caça de ninguém ou da inglória.

## **SOBRE UM CORAÇÃO DE AREIA (Trecho)**

**Ângelo Monteiro**

“A esse “Coração errante e andarilho”, e somente a ele, deve o homem a sua única plenitude: a poesia que, permeando toda imperfeição, aspira à superação do contingente com sua permanente promessa de utopias. Dessa forma, “Coração de Areia”, em seu léxico de sonhos, reafirma, pelo poder de suas metáforas, a existência do poeta como demiurgo que, através da memória dos poetas mortos, além dos vivos, reassume a sua própria condição de contemporâneo de todas as linguagens. De Neruda a Borges. De Joyce a Eliot. De Nazin Kimet a Drummond.

Vital Corrêa de Araújo, como poeta culto, que é, mas sem negar o espontâneo, mantém em “Coração de Areia” uma unidade poética que demonstra, ao mesmo tempo, a maturidade do homem em relação à linguagem, e a capacidade adolescente de sonhar o mundo”.

## RITMOS CÍCLICOS EM VITAL CORRÊA DE ARAÚJO (Trechos)

**César Leal**

“Mas em Vital Corrêa de Araújo é preciso estar atento a outros temas fundamentais da teoria do poema. Seu universo poético é polivalente e exige observações que cheguem além dos limites dos ciclos vitais e da própria técnica do verso. Nele é preciso estar atento ao poder criador de imagens. Isso é fundamental, porque sem imagens não pode existir verdadeira poesia. Há muitos sistemas de imagens, eficazes e engenhosos, para a investigação do poema. Onde se encontra a poesia? Com certeza não é na confissão romântica como muitos imaginam. As sete imagens acronísticas (imagens que se pode utilizar em qualquer época) fornecem ao analista literário excelente equipamento para a compreensão da poesia de Vital Corrêa de Araújo. A imagem intensificadora, tão usada na Idade Média e que deu tanta força à *Commedia*, de Dante, é uma dessas figuras que dão energia incomum a este livro de Vital Corrêa de Araújo: *Coração de Areia*. “Coração de Mulher” é todo ele uma dessas imagens visuais, característica da metáfora intensificadora. Sopra sobre ele uma suave brisa stilnovista que tem sido identificada como um signo de beleza em qualquer época onde faça sua aparição em um poema. São milagres de expressão as imagens em série que aparecem no poema. “ao Coração dos Crédulos”. Fico aqui, não sem lembrar ao leitor que há na poesia de Vital Corrêa de Araújo um componente intelectual que o afasta do versificador e o transforma em legítimo poeta. Esse componente intelectual é invisível e só pode ser observado sob a luz da sensibilidade e do intelecto”.

Publicado no livro *Entre o Leão e o Tigre*  
editora Massangana

**FALO**

(Diga tudo o que tem a dizer ou/e  
cale-se para sempre)

Vagalumes pousam nas lápides sucessivas, iluminam  
anônimos mortos, ausentes e vizinhos

Ervas acenam, musgos gargalham  
quando na cova os verdugos repousam ao lado das vítimas.

Pelas encostas, muge  
vento vagabundo e peregrinam  
luminosas mariposas.  
E de brisa montanhosa se alimenta  
o faminto deus das colinas.

Na ante-noite do primeiro dia  
quando eram tênues as formas e pálidos os contornos  
quando a luz ainda não existia  
Deus foi modelado da argila do infinito  
à imagem do Homem que Ele criaria.

Destróieres  
arruínam horizontes  
e aterrorizam albatrozes.  
De olhos periscópios acantonados  
na íris marinha da noite sonham com hecatombes e alumínio.

Gaivotas são foices, alfaces, sofismas.  
gritos varam sonos  
e atravessam noites imperdoáveis  
tributadas de tundras e pesadelos.

São de pedras as nascentes  
e de anjo temerário as sementes  
de sanguinária açucena as pétreas fontes de teu nome.  
O temor é de estanho. De tório teu rosto baldio e duro.  
Incruentos os poentes e a tarde punhal, adaga atenta  
que abre as rubras e curvas artérias do noturno.

Cessa o pálido e se inicia  
o sacro espetáculo do crepúsculo em teu corpo  
cúmplice dos desejos do mundo  
que meu olho fútil e lenta alma fraca hão de esquecer  
distráidos da rosa e do fogo que os devora  
alienados da sanguínea arte que os assombra.

O cotidiano das avenidas. Ricas e enfermas metrópoles  
cosmolitas cujas rosas são cadáveres, cujo hálito é a ferrugem ou o desespero.  
Metrópoles paralíticas, quasímodas cidades de tentáculos e silos  
de loucos asilos metálicos e infrutíferos. Cidades vãs. Enfermos paraísos.  
Planícies coalhadas de edifícios. Fartas de apartamentos  
onde mora a fera dos elementos.  
Santuários de cubos cidadãos e íntegro caos, íncubo, ácido, disciplinado.

Ó cidade onírica, onde estás? Por que não és?  
Sem gentes alienadas dos câmbios e ágios originais. Cujo espólio é o espaço.  
O tempo incólume, cúmplice, farmacêutico. Cujas aras são o logro  
cujo lucro é a cárie dos viadutos sobre dejetos a céu aberto.

Nos odres claros de setembro  
bebo ditirambos, ébrias claridades, vinhos aéreos. Róseos afagos  
e fantasmas navegam em meus puros lábios.  
E nas veias sangra o sonho.  
Utopias singram nos olhos. E de amotinado carbono é o amanhecer.

É a noite animal iluminado  
golpeado de caves e seivas de neon / de súbitos e fecundos óleos percorrido.

Anoitece. Morrem as madrepérolas. Estraçalham-se  
os cetins solares. Camafeus noturnos e ruínas atentas se abraçam.  
Uivam véus cadavéricos. Dilacera-se o linho. Desfiat lux.  
A noite espalha seus ecos escuros nas ruas pardas, grávidas de gatos.

À noite olho o mundo. O trêmulo mar da varanda.  
Os candelabros líquidos. E náuticos duendes que rondam  
os capitéis dos palácios marinhos.

Olho o ser e as estrelas e sinto  
que o fim das coisas é noturno e a claridade cegará

a si mesma e ao mundo.

O fulgor é cego. E cegas as iluminações.

E baços os espelhos desse frágil final de século com seu registro sincero de destruições.

Vade retro, sereias métricas! Livrai-nos, Senhor / das tentações da forma! Das traições simétricas.

Satã, assustai as rimas, esses ruídos sonoros!

Afastai de mim, Senhor, a taça do ritmo estreito, cheia de raros sons e imagens pantanosas ou principescas.

Tomba o nauta fecundo na líquida solidão da face.

Só o poema abate a solidão animal que esplende em ti e te faz serva de cristais sem pressa.

A solidão milimétrica crava-se em nós, como caráter, embrião ou coleira.

A mácula habita o lençol

gerada em noite antiga sem virtude ou amparo.

Ó ásper e céler nau, dizei-me

quem navega teu rosto? Quem te faz pulsar as vísceras exaustas e o coração tombar no convés vazio?

Que desatina sede campeia na alma sem peia

navega as veias maduras

aporta em corpo insone

devastado de ilusões sem nome?

Bidês cônicos, louças cênicas, cerâmicas crassas  
 salas hirsutas, lavabos agônicos, copas sinfônicas  
 e epigramas cadavéricos ornamentam  
 as gestas industriais, epopéias metálicas.  
 Travadas nas liças da usura, edificadas pelo espírito monetário  
 e nutrem a febre destrutiva dos construtores metropolitanos.

Iluminam-se de alumínio as avenidas  
 varridas de infindos edifícios, torres flácidas, fecundos mitos  
 torres geminadas, febre de escombro  
 Gare de usura, sinistra contabilidade bélica  
 que a estética de cimento amado edificou  
 no férreo e enfermo coração das metrópoles tentaculares  
 que deuses movidos a óleo diesel azeitam  
 com unguentos cardíacos e bálsamos automáticos.

A septicemia assume o ápice. Toma a cena. O auge muge.  
 Foge o agônico zênite para a queda sob o ímpeto do apogeu vazio.  
 Pálido triunfo sobre o rosto do rubro se assiste.

O ocaso galga cumes, catraca de jês e gumes.  
 Sêmen espalha-se pelas planícies fecundas do equânime corpo. Ventres abre.  
 Expõe os frutos do sacrifício. Dores publicam.  
 Doma cumes. Arrosta úteros. Invade óvulos.  
 E no incêndio de seu dilúvio lavra-se o Homem Novo.

Ulceram-se os céus  
 habitados por tempestuosos deuses.  
 E suas lágrimas derramam-se como semáforos ou centopéias.

Suas iras são corredeiras. São relâmpagos seus gritos rápidos.

A alba rasgou os tênues véus da noite.

Quebrou escuro hímem. Acordou topázios. Do sono mineral no leito de brilhos sumersos. Nas jazidas impenitentes da alma humana.

Eis que os adjetivos aplaudem

o parto dos sintagmas, o fecundo conúbio das imagens, as bodas da palavra com a palavra.

E do cofre da treva foge o rubi da manhã

gótico, súbito, escandinavo.

Dos vinhos matinais brotam

pássaros persas. Penélopes voadoras. Nuvens e palafitas amam-se. Orientais candeias atestam a silhueta dos cílios das ardentes odaliscas.

Uma lua mulçulmana bebe

no oásis de teus olhos loucos. Em tua carne o sol se refestela. E um pote árabe de aurora é aos amantes sonolentes oferecido. Como penhor de seus êxtases noturnos.

## PERGUNTAS PELO VINHO

És da inquieta estirpe do cristal?  
Descendes de que safira nua?  
Fugas árduas encantam-te  
a fragrante cor musical?

Quem te doma o puma do aroma?  
Tigres do relâmpago acalmas  
e lentas seivas tocaias  
de estrelas estraçalhando taças?

Cálices e almas lampeja  
quem os avaros jades recolhe?  
Quem de joelhos põe diademas  
os sonâmbulos fluxos desata?

Se inóspitos rubis escapam  
do reflexo genial da garrafa  
quem os acolhe com mãos de ônix  
e com tiaras atravessa praças?

## CÁLICE DE VINHO

Ao cálice de vinho  
cântaro do espírito  
ânfora, grito, lume infinito

à aduela  
que dá forma aos barris  
à dorna  
que uvas transporta  
ao lagar sagrado

No sono da parreira uva sonha  
no sumo da uva vinho vive

Ao nus óleos dos sábados  
às noturnas engrenagens que fabricam domingos  
à extinção do sal  
ao simulacro branco

## POEMA AO LEITOR

Leitor, faça alguma coisa, tome um conhaque com a taça em riste  
devore vinho tinto e sonâmbulo  
desista de conhecer o poema, beba-o, morda-o  
com dentes parmenedinianos úmidos  
liberte as grades do desejo  
incinere dores e pássaros  
faça voar a gaiola sem voo dentro  
varra também o tapete (com o poema  
a água do banho da gramática jogue)  
para bem longe do lixo, amamente  
bois mecânicos, abismos, galos coesos, mitos  
manipule pêsames brancos, ossos de baunilha  
liças de abelhas desafie, enfrente pusilânimes  
fabrique lenços para adeuses provisórios  
com lágrimas incluídas  
incite máscaras de lástima e nuvens  
para dias de nojo ou enjoos sujos  
corteje a sombra dos gasômetros  
extinga cotonifícios, precipícios alimente  
erga a chama farmacêutica, o óbolo sublingual  
blinde esperanças e mansões, mas  
não deixe nunca cair da mão esquerda  
a bandeira esfarrapada do poema  
(e nunca o abandone  
em meio a um aparente sem sentido  
que beire a página ou o delírio  
de cujo lábio guarde o contorno  
ou a máscara cosmética – não o cosmo).

Busco arquétipos do olhar no céu azul  
e nas revoltas águas do mar o rosto perdido  
(cavalo que alimenta páramo  
canção que contamina harpas)  
busco na íris incansável do abismo  
nas gemas enterradas nos milênios  
nas artes ópticas dos felinos  
embaçados noites do sertão  
nas velhas canções dos marinheiros  
e nos versos de mortais cantorias  
o nome, reflexo do que és, ávida vida impura.

Lavra céu de relâmpago duro fragor  
arde trêmulo infinito em luz e rumor  
brilha a escória, gemas consomem  
o carbono das estrelas  
esgrima o infinito com a eternidade  
sob pátio de uma tarde terrestre  
na liça da realidade

## TERCEIRA VISÃO

No caos aporta  
naves de sombra  
trêmulas auroras.

II

Laços vazios, braços abismos  
de água e musgo habitam  
alma baldia.

**DUETO**

Brilha palpitante entranha  
do trêmulo mármore  
vísceras da sombra esplendem

Rumor de aurora escande  
a alegria da água noturna  
esplendoroso abismo de ouro e grito

no intestino das estrofes  
refulge prata de náusea  
rugem convulsões do vômito.

**TEMOR DE MÁRMORE**

Deixo-te, querida, o quanto tenho vivido  
dias que virão, dias já mordidos.

Nem sempre a sombra vem de alguma dor  
nem a tristeza de criptas lentas ou lápides escuras.

Ninho de galáxias, que pássaro  
cósmico o prepara?

No inferno correm rios sólidos  
pelo sangue dos culpados enraivecidos  
pela ira das catracas subjugados  
cavalos eclesiásticos lá pululam  
cujos freios são a mitra da loucura  
e os arreios cajados acadêmicos.

Tramitam piras, crateras regorgitam  
ardem canoros escombros, orgasmos ungem  
triunfos podres com legendas inglórias.

No inferno céu é dura  
ilusão de súcubo  
dádiva do esquecimento  
incunábulo  
pútrida banalidade.

Prêmio de insolente momento  
em que a carne triunfa  
contra às indecisões do espírito  
(choque que a realidade causa  
Trauma que o desejo constrói).

Às platéias condoreiras ofereço  
flébeis vislumbres, torsos de virgens  
músculos de avestruzes e febres  
idílios de albatrozes e potes de vinagre  
ogros arcabuzados, gestos balsâmicos  
além de caixas de viagras abertas em quatro.

A todas as vozes úmidas  
a todas as volúpias vândalas

a todos os verbos lúbricos  
a todos os lumes cegos.

Às pálpebras do sal, obra branca  
aos sábados tímidos e longitudinais de outubro  
(mês encarnado em vil e vã esperança).

Aos ditirambos de setembro  
às álgebras lascivas do seio.

## MICHAUX MORTO

1. A solidão inspira ratos.

Sou Calcante o adivinho

2. filho de Anfiarau, irmão de Anfíloco.

Fossem queimar-se toneladas de livros  
volumosa e falsa poesia

que se publicam anualmente no Brasil

3. e o fogo eterno seria insuficiente.

4. Das cinzas dos impérios erguem-se raposas.

Sobre a cova anônima dos heróis

5. tranqüilas baratas transitavam.

As joalheirias de Paris ficaram nostálgicas

silêncio assomou às sacadas

estendeu-se às calçadas ate à extinção.

Gares fumegaram.

O Sena vomitou borbotões (e cargueiros  
que transportavam cinzas de heróis antigos).

A náusea apossou-se dos bulevares

adormeceram nos molhes talismãs.

Manhãs não mais se prometiam

o sol se recusou a sair

6. quando Michaux morreu.

#### 4 POEMAS

Todo maníaco é lírico  
todo solitário eleata.

Todo sanatório laico  
todo sanitário fede.

E de aço todo cansaço.

Máscaras antiqüíssimas de prata erodem-me  
conservam meu rosto solar e mudo ereto  
orgias erguem-se, ocupam-me o espírito (confissão).

Palavras foram feitas para ocultarem  
e não para revelarem nuas o pouco das coisas.

## 7 POEMAS

Os que portam tirsos são muitos

1. poucos os possuídos por Dionísios.
2. Todos devemos galos a Asclépio.
3. Vide bula vide bulimia.

Bursáteis lipídios nas veias dos cadáveres  
fazem subir a cotação dos cemitérios

4. (e aumenta a locação de velórios irresistíveis).

Banido do Olimpo Apolo  
no exílio hiperbórico  
vã lágrima de âmbar vertia

5. nostálgico do éden grego.

Néctar que nutre deuses e cavalos  
tranqüiliza chagas abole o podre  
e nas entranhas lança chama eucarística

6. tem o nome de Ambrosia.

Nas águas curvas da vida  
lanço dúvidas e redes

7. fisgo peixes e certezas.

## MAIS 7 POEMAS

1. Sândalo de pedra para a pira de Savonarola em Ferrara.

Clama o papa por mais desgraças

2. a coorte angélica faz ouvidos de pescador mouco.

A alvorada está morta. Tons pastéis disputam

3. o enterro da aurora.

Aurigas estrangulam estátuas de dois cavalos

4. no estábulo onde Hefestos soldava uma quadriga.

Féretro noturno. Treme o amanhecer.

Beija-flores amordaçados vêm rouxinóis morrerem

5. estrangulados por monges bonachões, hortelãos orgânicos.

6. Alcateia de silêncio estraçalha células de grito.

7. Monges abraçados a cilícios amontoam-se na lua.

Ao sentido das cores iconoclastas  
e à essencial obscuridade das palavras  
(que por reflexo ou instinto de sobrevivência negam  
o último sentido aos poetas, e detestam  
os que exploram suas fragilidades dicionárias)

Aos cães de Florença  
aos manicômios da Baviera  
aos cafés parisienses da margem esquerda  
ao absinto em que em que Satre era perito  
à lascívia que deliciava Picasso

Às graças nômades  
aos beijos beduínos  
às almas desertas

Aos cânones das ruas  
ao sarcasta  
à catarse, ao escárnio.

## À ESSÊNCIA NUA DO TROVAR ESCURO

O poema acontece. A imagem brota do nada ao encontro / da palavra em jorro breve, largo, lépidos flashes crassos / ou puros, mas descontínuos e lassos, adjetivos.

O poema não nasce classicamente, não é a recolha / de uma messe de letras, algo que vindo em semente se assemelhe / a um fervor agrícola, a um molho de semestres / cereal do verbo que plantado emirja (pão undécimo) / sob égide de uma estrutura, vôo de baunilha / sob pálio de uma história, esquema hábil / em aritmética e música, partida dobrada de emoção diurna / como soem ser “poemas despoietizados”.

Acontece, súbito relâmpago, voragem

que escurece o jugo das palavras

presa do dínamo narrativo, catraca do sentido

o poema acontece sob trilhos próprios do tempo (a esmo do sentido)

descarrilha antes de sujeitar-se à estação da gramática.

Nas rédeas insolentes do inútil e da intriga / perde abrigo, ganha refúgio / do tugúrio do sintagma / desconexo habita, nas minúcias / de um espaço passivo inacabado sempre demoníaco / talvez imóvel (semovente) / como um sino antes do primeiro repique / como eco prisioneiro do bronze.

O poema surge e ressurgue e incorpora-se à paisagem / do tempo como a lava de um vulcão à geografia do olho / encarna-se na passagem do fruto como a boca no mundo. / Emerge dado, acontecido, fato de palavras construído / por parcas porfiosas tecido, por gestos irremediáveis alinhavado, Penélope a Penélope, a trama do inverso vertido / fruto da epifania do verbo do projeto da página concebido.

Vêm os poemas do repúdio da suspensão do temor / da carne do incomunicável (do comunicável não é preciso) / fluem do imanente, mas desprezam talvez o contudo / e toda a transcendência do palavroso abominam. / Vêm. com / as hostes do gerúndio para a república do verbo edificarem sobretudo / (com pás de palavras, arados de adjetivos, martelos / para temperar metáforas, alicates metonímicos).

Do frutífero inconsciente, do prolífero critério/ de imagens suínas (e grupais inclusive) é fruto também.

Adota o infecundo e a intempérie como símbolos/ e as carnes da prosa para sua fome metafórica, para sua glória meteórica.

O poema ergue-se de um reservatório de escombros / de uma legião de dores, de um cesto de torsos arcaicos / de uma usina de sombras fecundas e dínamos solares / para a claridade da palavra, para o foco da essência, íntima, vasta.

Advém o poema de uma zona cega (ponto morto) / perigosamente impura, entranhadamente nua.

Vem a poesia ao poema em fragmentos de mundo / (que o obus da palavra deteriora e salva), em forma de olhar/ de temores, de dias sonâmbulos, de vazios intensos.

A poesia depende do silêncio acúleo do poeta / que fere a palavra, deixa-a dizer-se / fazer-se em poema insensato / arrastar-se até a página, leito ou útero de sua rebentação imagética.

O poema vive às expensas de porfiosa Ariadne / fricativa, fina frágil sílaba de fonte e mistério, guia/ e amoroso caminho, indefesa luz, abandonada gema.

Se o poema não tem a aparência do que vem feito / sua essência é falsa fabricada por máquina de prosa/ engrenada a discurso diesel.

O poema é dínamo movido por musas atadas / (deuses estanques) ao subconsciente do mundo / à inconsciência da coisa que o ilumina elevado / por ofício rebusca, rubrica, denuncia ou afaga a palavra dicionária.

Todo poema é sonâmbulo sob pena de ser narração / do nada, doença do sono, dor da vigília, artifício da alma.

(Se o poema não passa do limite da página em branco/ publique o mundo / urre por ratos urbanos/ suicide-se com o alfange da palavra no pescoço do sentido).

Mas nunca diga que o poeta é um fazedor de signos cegos / artesão de metáforas encaixotadas em urnas sonoras / em diapositivos de música ou um reles fingidor / do mundo de que se demite.

## OBRA POÉTICA DE VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

### ÉDITOS

Título Provisório – Natal-RN

Poemas com Endereço – Recife-PE

Burocracial – Edições Pirata – Recife-PE

Gesta Pernambucana – Recife-PE

Coração de Areia – Fundarpe-PE

50 Poemas escolhidos pelo autor (em homenagem a Simeão Leal)

Editora Galo Branco Waldir do Val – RJ

Só às Paredes Confesso – Edições Bagaço – PE (1ª e 2ª edições)

Palpo a Quimera e o Tremor – Edições Bagaço-PE

(A Cimitarra e o Lume – Recife-PE (fora do comércio)

Bando de Mônadas – Edições Bagaço

### INÉDITOS

Cem Ditames de Amêndoa (on-verse-poems)

Simulacro seguido de Escuras

Frases da Lua

Atanor

Diatribes

Grifo meu

Gide ou o Desejo

Livro Jogado Debaixo do Tapete

Haicais Heterodoxos (Flauta de Pássaro)

Relógios Moles

Ir ao Mar que é Morrer

Falo

### **ENSAIOS**

Jorge Luís Borges – Leitura Escrita e Traduções

Visão Pontual de Poetas Pernambucanos (2003/2009)

## DOM

A noite é um dom (feérico ou escuro)  
janela para ler estrelas, olhar a alma  
ou apenas mais uma teia  
que o viço da treva enleia?

## FATOS NUS

Rosas provocam lascivas abelhas  
(a orgia do néctar dilacera  
quelíceras de aranha)  
cavalos atropelam magnólias  
na hara do jardim.

Enquanto crisântemos se desesperam  
generais de jaspe preparam  
estratagemas de nojo.

Minerais batalhas de náusea  
rumor noturno desata.

## CONSTATAÇÃO INELUTÁVEL

Lua dilacera entranhas  
Sino rói campanários  
A hora alicerces.

**SEIS POEMAS IN EXTREMIS**

Sua boca títere trâmite de formigas  
seu coração burocrático monocórdico.

Vis lascívias vias  
no ventre da reentrância.

Vago olho do horizonte.

Abutre intacto o coração.

A cor da extrema-unção é rosa pálido.

Nada mais exato do que a fantasia.

## DESMAIO AZUL

No trêmulo crepúsculo  
na tina de cores mortuárias  
azul desmaio.

## A POESIA

A poesia diz o invisível  
vê o indizável.

A poesia precisa ver o invisível  
para dizer o indizível.

## GRAFFIT DE TURIM

Deus está morto (Nietzsche)

Nietzsche está morto (Deus).

## POESIA

Que é a poesia senão o poder da palavra  
a forma absoluta dessa soberania na página?  
E não regras anacrônicas, estagnadas marcas  
sólidos selos de impotência  
de nossas trêmulas certezas!  
Derrames na lauda branca  
de inspirações mecânicas.  
Artifícios sem sonho delírios domados.  
Verdade da alma no filtro da tinta estampada.

**SEIS DÍSTICOS DE MAIO E UM TERCETO**

Vão-se os dedos que são carne  
ficam-se os anéis de brilhantes.

Mãos da primavera  
amuralham de pássaros  
castelos de açucena.

Um gazel de Hafiz vale muito mais  
do que mil antologia de amor.

Que o longínquo eco da canção seja  
bálsamo, sumo da vida, ébria bebida.

A glória é de mortal porcelana  
o trono de imitação de barro.

Nos pátios côncavos em horas tortas  
à sombra de hospícios curvos

Lua espreita rua  
uiva a lobos urbanos.

## CIÊNCIA

Sei que águas levarão meu rosto  
às sarjetas urgentes do sonho  
e sei que os detritos do tempo  
embelezarão o abandono.

## CAPUZ DE DÚVIDA

Aos touros metafísicos  
à lua, aos mares, às mulheres  
à morte vasta e destra

ao epicurista que escreveu Eclesiastes  
aos anjos industriosos do paraíso.

Mar da manhã harpa estendida ao sol.

A lua cai do equinócio no capricórnio.

Dança Gaia no céu esponjoso  
balé espiralado e leitoso das estrelas.

Via Láctea leite fluindo do seio da deusa.

Todas as verdades têm seus véus.

**SE**

Se choras pelo sol posto lágrimas  
não te impeçam de ver estrelas.

**GOSTO E APETITE**  
**(da canina educação)**

Poemas escritos em biscoitos  
ávidos cães vadios devoraram  
numa demonstração de bom gosto.

## RETORNO ETERNO

Nada se perde, tudo se come  
nada se fixa, tudo se move

Suínos cevam-se dos cadáveres dos homens  
que se delíam com linguiça  
de intestino de porco.

**ESSE ÁRDUO GRITO DE CARNE**

(poema ao olhar a lua do seio)

esse árduo  
prisma noturno  
teu olhar longo  
declara  
esse vale de prodigiosa carne  
entre montanhas macias  
minha boca ereta  
(as mãos deslumbradas)  
denuncia.

## A NOITE CÉU

Quando a noite se estender contra o céu  
como paciente anestesiado sobre a mesa  
estarei carpindo Terra Devastada.

Restaram do ósseo holocausto da alma  
do banquete dos símbolos restaram  
alguns úmeros tíbios  
dois cúbitos ínvios  
túnicas efêmeras  
fêmures arruinados.

A essência da poesia chega  
às hélices vivas reluzentes  
nela incrustadas  
chaves do passado  
cápsulas do futuro.

## DIVA TAREFA

Tarefa dos servos e cravos  
romper ligamentos dos punhos vassalos.

Jesus multiplicará multidões  
para alimentar peixes.

Multidões com uma só cabeça  
para só um fecundo golpe de adaga.

O tempo também corre contra os reis.  
e nas veias dos místicos embarca.

## RELÓGIOS MOLES

Catracas se roeram  
relógios morreram ontem  
liquifizeram-se  
(morte por água e por decurso)  
moles derramaram-se  
(mar de sinos mortos, fundição do tempo)  
pelo ombro dos homens  
alastrando-se  
sobre olhos atemporais  
metalúrgicos galos  
intimoratos búzios  
se calaram.

## DESEJO

Dos lábios ardentes do Profeta saltem  
salmos como peixes da água.

## ÂNGELO

Sobre os ombros hercúleos (orco)  
do Atlas florentino ergue-se  
a cúpula de São Pedro, pedra  
e o grito que da nave voa  
espírito do homem abriga  
na carne da hora ecoa.

## PEQUENA E LÚBRICA HISTÓRIA TAURINA

De novilha do templo  
da campina se finge  
taurina unção recebe  
sêmen divo e potente  
entre êxtases extremos  
gera o mito e o ser  
o fruto minotauro  
um homem metade touro  
um touro metade homem.

Jovens, fluidos, quase metafísicos  
leves como zéfiros  
alados acrobatas de Cossos  
dançam sobre touros  
atados a seus córneos  
nos domingos cretenses  
à tardinha.

Os chifres do touro  
semelhantes a luas crescentes  
os pátios do Labirinto clareiam.

## 7 POEMAS DE ÊXTASE

1

de que se nutre  
esse incêndio  
que não debelo  
e se alastra louco  
pela noite do corpo?

2

vinho extinto o amor  
taça vazia  
a um brinde  
de solidão se oferecia.

3

seios: rijos  
deuses redondos  
para o culto  
alpino das mãos, pouso  
da ave dos lábios  
seres binários  
de pele ágil  
para a sede tátil  
dos dedos  
para a fome  
decimal dos desejos.

4

seios: sinuosos  
mistérios róseos  
canções de carne  
que mordem a boca  
e encantam  
a alma da mão.

5

morderei em fúria  
fruto púbis  
até que cesse toda sede  
que viver dos lábios.

6

casta chama do seio  
incendiará a mão.

7

o fluir  
de todas as fontes  
do amor  
nascidas do teu corpo  
que freme infinitamente  
flagrei.

## BREVE DIA ETERNA NOITE

Vão-se as rosas dos anos  
ficam os dedos noturnos  
e o rastro dos desenganos

Desfolham-se as faces  
o rosto não é mais máscara  
que o viço relevava

É força que não guardes  
frutos além da puberdade  
e nunca os sentidos mascares

(Acicate o desejo, torne-o mais vivo  
pula-o com a lupa da carne  
faça-o iluminar o espírito)

É força que não deixes  
a estrela do olhar morrer.  
Nem um dia dura o esplendor!

## PROÊMIO

Passividade sem pathos, o contrário da  
atividade controlada pelo espírito, o mesmo  
espírito inconsciente, a autonomia  
que se apropria do átomo escravo  
da tralha de elétrons orbitando o vazio  
de que somos consumados  
a fração de espontaneidade viva  
que imagina são impedimentos  
(para a realização do poema) óbices  
ao desejo de ser e ao ver esperar  
aquela visão planejada (com a técnica da esperança)  
ao menos consentida, então  
se vê o inesperado: assim o poema é real  
e coerente com a incoerência  
e com o delírio que move a poesia  
e com o desespero que a nutre  
de fantasias inomináveis  
de imperdoáveis realidades.

## **MÔNADA? (o átomo de Leibnitz)**

Pequeno protozoário (de onde viemos, da monera primitiva, dixit Darwin) de um só flagelo. Que possuía simultaneamente qualidade de matéria e espírito. Átomos da natureza, elemento das coisas. As mônadas, na teoria monodológica de Leibnitz, são impenetráveis (muito além dos hímens comuns) a toda ação exterior, guardando similitude com minha teoria poética de que as palavras no poema devem resistir a toda força hermenêutica que a ela se imprima ou sujeite. A todo esforço (vão) de decifração de críticos e leitores (não mais desavisados) que caem como lobos sobre o cordeiro de poesia, na pele do poema, para devorar sem piedade ou demora. Devemos (neopoetas) negar-lhes esse triunfo fágico.

Que quanto mais sofrerem e mais suor exegético derramarem, melhor.

As mônadas poéticas diferem dos átomos mecânicos dos versos tradicionais, assim como Demócrito de Max Planck.

### 5.3

Gotejar das horas na vasilha do trânsito  
ráfagas de água sobre tempo e manto  
coração das coisas moinho pulsando  
ao som de martelos escandinavos  
bigornas estremecendo ouvidos  
rebites do supérfluo esmagados  
sob encanto dos fornos gregos  
válvula das veias em descompasso  
ígneo rumor caindo do atanor  
as fornalhas do céu escancaradas  
a queda de areia das ampulhetas  
no adro de bronze das igrejas ecoando  
cavalgada de valquírias tombadas  
sobre indômitas cães dos homens  
pêndulos hesitando sobre surdos abismos de sinos  
paramentos nus oferecidos aos ímpios  
a crença dos despojos desabando  
missais de sal como beijos devassos  
as sedas dos esses incendiadas  
gerúndios em triunfo  
violinos debussyndo  
afivelados ao instante  
supremo em que a melodia  
rascante e furiosa

atravessa o mundo ruidoso  
e o seda.

Todos os sintagmas do poema  
abrigados na piedade da página  
onde só restem a sede e o homem  
e para sempre perambule a escolha  
entre a realidade e o desejo  
em teu rosto  
que não mais rasteje  
e despreze  
a máscara e o porto  
não mais seja escolho  
apenas cais  
para teu desejo  
e não mácula  
da realidade de tua alma.

## 5.4

O verão arruína potros  
encurrala prantos  
da aranha enovelada em sua saliva alada  
entristece as tramas da primavera  
a chuva dissolve  
os cobres da amargura  
com o ácido  
de suas raízes úmidas  
penetra o coração das relvas  
e desnuda o reduto  
onde se acantonam folhas  
(que o vento vomita).  
Potros de bronze, dízimos de ouro  
dizíamos um ao outro  
no plúmbeo intervalo das tardes de estanho  
quando corpos comungavam  
com o tumulto da voragem  
que nos desfazia e elevava  
a incerteza era nossa pálpebra  
e o relâmpago cobria nossa alma, quando  
dizíamos um ao outro  
potros de ouro e dízimos de bronze arrancavam-nos.

## 5.5

(Venho da estirpe do bronze, vou  
ao infecundo nume desiluminar-me)

Vivo da longa  
ferrugem das estrelas  
das hipóteses de barro do dia  
da astenia das noites  
burguesas do Recife  
das pulsações minerais dos mistérios  
que as palavras distilam para mim  
(e guardam em seus embornais fônicos)

Vou ao zeloso e veloz enterro dos sinos  
que me abalam  
e latejam em mim  
à vertebrada chama  
ouro e cinza que o id abandona

Vou à escura hesitação do fim  
à irrecusável câmara de marfim  
à estridente cova do confim  
à vertical viagem onde a carne  
se torna posta para alegria da verminagem  
vou à tessitura desfeita

ao imbróglio da alma  
reduzir-me a osso iconoclasta  
à visão das pálpebras de pedra entregar-me.

## 5.6

Álgebras gélidas, teoremas nus  
bússolas esvaziadas  
mapas para a morte do amor  
trilhas para as veias da dor  
imagens reticentes ou ímpias  
abertas no veio das palavras  
bebidas nos filões filológicos da vida  
do verbo que se faz humano

Amarelos dobres de bronze  
do coração dos sinos se levantavam  
vinham para a margem do silêncio  
ocupá-la com a vertigem do verbo insolente  
sedenta dos saltos quânticos da gramática

Da dinastia irredenta dos sinos restou  
uma basílica velha descorada  
que guardo na adega da veia.

## 5.7

No claustro do paraíso  
em meio a cubos  
que no éden se amontoam  
(sonhando com picassos e javalis sonoros)  
Se debruça sobre o cofre hermético de Pandora  
Se debruça sobre os ombros do escombro  
para ver narcisos se decompndo  
a imagem de si encrespada  
o semblante arruinado, Deus  
atrás de Si mananciais de lua  
fresca sombra de pomares  
macieiras em cheiro  
edênicas transparências  
adâmicas preparações  
Ele do umbigo do paraíso  
debruçado sobre o infinito  
prescrutando a eternidade  
interrogava ainda Suas motivações  
criativas desconfiado dessa história  
de sua assessoria angélica  
de inventar um homem.

## 5.8

Claustro de água  
amniótica visão  
em meio ao éden se flagra  
paraíso líquido útero  
de pomares divinos, placenta de frutos tintos  
sob luzes lilases  
das entranhas dos pássaros (socráticos)  
se divisava o ócio  
e a puberdade de Deus cintilava  
coros angélicas pautavam  
o diálogo Dele com as prováveis criaturas  
sob macieiras antigas (desde Jeová plantadas)  
o selo do horto era marinho  
o manancial azul  
(Deus era pintor)

(à quadratura do círculo  
à fonte dentro do claustro  
umbigo do éden e de Deus).

## 5.9

Palpita na greda  
coração escuro  
infiltrado de iras e de ironias  
ásperas alimentado dia-a-dia  
maná dos milênios  
século por seculorum  
os ossos sos da filosofia jazem  
porosos, angelicais, íntimos  
nas sarjetas das metáforas  
ímpio, úmido páramo do espírito  
chuvosa impressão de lama macula  
a candidez abominável da palavra  
boca de treva bebe o alento  
ártico, gosmento  
e nossas mãos morrem  
(dedos estrangulados)  
postas ao tormento da prece cega  
corcéis acampam na dicção  
devoram folhas de relva  
ruminam velhas metafísicas  
embrulhadas com os vidros  
das obras de Cioran e Perse  
verbos tornam a planície impura

questão de tempo e vácuo  
que geômetras sonham em sítios azuis  
tropol acelera o sangue  
imprime touros no nome  
e dorme na última veia.  
Nicho úmido (e rubro) dos invernosos  
corações escurecidos  
palpitante greda ilumina com candura  
os prismas do caleidoscópio  
os cristais lodosos  
o rosto do monge  
trincado por teias  
habitado de dúvidas sutis  
e rugas eternas  
relvas ainda gris mascaram  
de uma janela de treva vejo  
a carne e suas legiões de desejo  
acampadas nas terras do espírito.

## CINCO POEMAS ANTIGOS

Clamores quase extintos  
incendeiam manhãs  
agonizantes da África.

Descubro rumores cadavéricos  
ao meu lado e primícias  
de escombros  
em outubro.

Tremula a treva  
sob facho de relâmpago.

Luz do círio alimenta a noite  
e se alastram como postes as trevas.

Coivaras têm alma geométrica  
rumor de fogo  
empunha seu rosto.

**POEMA NOVE**

Os ubres das manhãs se abrem  
deles saem pássaros imprecisos  
sob imenso fardo do azul atordoados.

Deles brotam ébrios  
colibris de luz  
e pólen de brilho distribuem  
das flores onde repousam  
aos olhos dos homens  
às janelas do mundo.

## DOIS POEMAS VERDADEIROS

Harpa de abismo ventos  
solitários dedilham  
na partitura da treva  
o som busca abrigo.

Às estrelas secretas do coração  
que diréis?  
Que o escuro pulsa  
em seu interior tão claro?  
Ou que a claridade do útero  
rivaliza com o sol  
é mais forte do que mil constelações?  
Que um nome vale mais do que todo o cosmo?

## DOIS POEMAS ALVOS

Ao coração das estrelas portentosas  
de brilhos caudalosos e incruentos  
desapiedado viajo  
do imo áureo das fagulhas nuas  
busco teu nome e o sentimento  
do meu escuro e solitário tormento.

E as horas estas hastes  
da rosa do tempo ergo  
contra o espaço do lamento.

## ONDE COMEÇA O SAL

**“Bloqueiem os ribossomas das bactérias  
degole a infecção”**

**(de jornal da TV)**

Arde o jasmim, foges de mim  
porque uivam figueiras  
a sarça rasteja  
urzes voltam-se a cinzas  
gritos abaulam o silêncio  
cegos lírios iluminam  
de sombras os velórios  
lâmpadas de açucena acendem  
piras de treva que coroam  
a última noite de um homem  
sobre a terra.

## VITAL, UMA POÉTICA DE FRAGMENTOS

Cláudio Veras

O poeta mergulha na bateia de imagens da verdade incompreendida, do sentido perdido (das palavras banalizadas, alienadas e coonestadas pela empresa da usura verbal, pela busca do material prazer): não da verdade que jaz passiva, ao pé do homem ajoelhada como uma carola qualquer, mas daquela que nem o traço nem a tinta realçam (porque o desenho é impotente para domá-la).

VCA empreende sua peregrinação verbal, solitária e quase demoníaca (ou neurótica?) com o objeto de apreender (e ocupar secularmente) o vasto campo que a filosofia, a narração, o ábaco poético não abrangem (nem o podem fazê-lo).

Para isso, abole ou despreza ou exila o sentido finito (e mortal ou passageiro) das coisas (e palavras, conforme Foucault).

Qualquer determinismo ou prévio cálculo poético Vital isola. Para ele, não há sentido no finito, ou finito sentido.

Ao tatear com a bateia da linguagem uma significação infinita, visionária, utópica, rebelde, indômita até, ele sacrifica a sinceridade a tudo o que ao pé da letra frutifique.

Safra para ele só a da messe da palavra que o azar não abula

Com esse fito, VCA embarca na empresa de utilizar, como estratégia, o fragmento (um forma em si mesma limitada) para penetrar e abraçar o infinito, ambiente da palavra.

A interpretação (se houver) deve ser mais cognitiva do que afetiva. O transporte que na leitura de Vital opera é do inefável, nunca do afetível. O arrepio (sem rípios) é o do milagre da linguagem. O compadecimento é do texto, não do espírito.

É um caso de engajamento com a palavra, de responsabilização dos sintagmas, de objetação do sujeito, via signo-coisa (Rilke), de compromisso só com a verdade poética; toda uma estrutura e todo um ritmo voltados exclusivamente ao conhecimento do poema. Ser e conhecer especialíssimos, excepcionais.

Em Vital, inusitadas combinações de palavras, em máximo grau inesperadas (e impossíveis de ser senão no acontecimento poético vital) contribuem para uma (ou várias) ruptura da linearidade da linguagem, apanágio da prosa clássica e da poesia gramatical e logicamente corretas. Ou seja, em Vital, a lógica gramatical não tem voz.

A precisão da ambiguidade do discurso poético é magnífica, atenta, bisturítica, vital para a empreitada poética vitaliana, na busca de uma forma sui generis de linguagens significante.

“Minha horta de paradoxos cultivo com apreço / safra de oxímoros com perspicácia colho/ amoedo e ensilho os fardos da lingaugem/ gramáticas estupro, violo dicionário/ silos de símiles, fé de epítetos devotos atijo /acirro o câncer da metáfora para que esta cresça/ mais do que a saúde sintática dos leitores minas de metonímias detono, apuro/ os afetos do bombardeio da página / com a bazuca dos sintagmas/ rebeldes como a palavra poética”. Esse fragmento de um poema de 2001 (a que tive especial acesso) bem diz da bendita forma deste poeta.

O ambíguo, o assimétrico, o indefinido são parte essencial desse harmonioso cultivo, dessa cultura poética fora de série, desse hermetismo conseqüente que puristas intoxicados de passadismo redamam (e leitores incompetentes desprezam, jogando o bebê com a água do banho fora).

O tudo muito claro é insípido. O tudo bem digerido, pronto, é quase excrescência, que o secreto obsta.

Trata-se de uma poética de antíteses. Poesia a que causa emoção coivaras vivas, nuas, lenhos cremados, cinzas de cruces, embotado gume (que não facilita o corte ou a vista).

É um caso em que a sabedoria poética (e não técnica) procura abranger o assistemático, penetrar todas as áreas da vida, encontrar o limo de si mesma, reabilitar o espírito, exprimir em palavras o sal da ressurreição. A ambiguidade do discurso desacredita o estabelecido.

A arte já não satisfaz o espírito, diz Baudelaire. Não que a forma de arte nada mais tenha a dizer, mas que esbanjou seus recursos em assuntos que tendem a embotar-lhes o gume. Gerações entoaram hinos à beleza do bem, Baudelaire pelo contrário devotou-se a garimpar belezas no corrupto e no mal. Vital de certo modo é fiel a esse caminho.

Além dessa medida da escrita de VCA, retorno ao título e renovo a questão do fragmento enquanto forma, na poesia de Vital, aplicando Schlegel: como uma pequena obra de arte, o fragmento deve ser totalmente pleno, autônomo, separado do entorno (poemas do livro em que se materializa).

O fragmento deve conter agudeza (witz) de tal modo que fira os olhos do leitor, como um ouriço escrito.

O fragmento designa o enunciado que não almeja a exaustividade e corresponde à idéia moderna de que o inacabado pode e deve ser publicado (ou ainda reforça a idéia de que o publicado nunca está acabado). A poesia de Vital é mais espírito do que letra.